

número 3 - outubro 2000

**vou te
contar**

A REVISTA DO CENSO 2000

Inovação
tecnológica
facilita o
acompanhamento
do Censo

**censo
2000**

"Uma idéia na cabeça e
uma estratégia na mão:



nasce uma campanha"

C E N S O

D E M O G R Á F I C O

2 0 0 0

RESULTADOS
PRELIMINARES

Total de homens e mulheres por unidade da federação e município

Total da população residente nas áreas urbana e rural

Taxas médias geométricas de incremento anual da população

Cartogramas por unidade da federação

Inclui:

tabela com o total da população dos municípios a serem instalados em 2001.

CD-ROM com dados da população e tabela da divisão territorial brasileira.

A partir de agora, você pergunta e o IBGE responde.

0800-218181

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.ibge.net>

 **IBGE**
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO,
ORÇAMENTO E GESTÃO**

 **GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil

Pronunciamento do Ministro Martus Tavares sobre o Censo 2000



Alguns meses se passaram desde que os recenseadores saíram em campo, entrevistando gente aqui, acolá, em todo canto deste Brasil. Naquele 1º de agosto, começava o Censo 2000 e o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Martus Tavares, lançava a maior operação de recenseamento do país em rede nacional de rádio e televisão. Leia agora o discurso que a revista **You te Contar** reproduz na íntegra e tenha uma boa leitura.

Boa tarde,

hoje é um dia muito importante para o Brasil.

Teve início o Censo 2000.

Nos próximos meses, mais de duzentas mil pessoas vão percorrer todo o país, de norte a sul, de leste a oeste, para realizar uma tarefa importantíssima: saber quantos somos e como vivemos.

Para concluir com sucesso essa tarefa, precisamos de sua ajuda.

Peço a você que receba bem essas pessoas em sua casa. Eles são os recenseadores.

Esses recenseadores vão fazer algumas perguntas e as respostas ajudarão a traçar o perfil da população brasileira.

É importante que todas as perguntas sejam respondidas. O sigilo das respostas é garantido por lei.

Com estas informações, os brasileiros conhecerão melhor o seu bairro, a sua cidade, o seu estado e, portanto, o nosso país.

O Censo 2000 vai revelar características da população brasileira, como sexo, idade, escolaridade, renda, entre outras.

Vamos ter mais informações sobre a realidade do nosso país: educação, moradia, saneamento básico, energia elétrica.

Vamos conhecer melhor os problemas da população.

O Censo permite aos governos municipal, estadual e federal planejarem melhor suas ações.

Precisamos destas informações para direcionar os investimentos públicos e melhorar a qualidade de vida de nosso povo.

A iniciativa privada também será beneficiada. Poderá usar os dados do Censo para orientar seus investimentos, importantes para a geração de emprego.

O IBGE é o órgão responsável pelo Censo 2000 e vem se preparando para essa tarefa há três anos.

Graças aos recursos tecnológicos que temos hoje, o IBGE vai concluir a contagem da população do país em tempo recorde. E ainda este ano saberemos exatamente quantos somos.

Responder com clareza e correção é muito importante.

Colabore e atenda ao recenseador do Censo 2000.

Nós, brasileiros, só temos a ganhar.

Muito obrigado.

sumário

- **5 Editorial** – mensagem do presidente do IBGE, Sérgio Besserman Vianna
- **6 Matéria de capa** – o Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta (SIGC) na visão do chefe da Divisão de Desenvolvimento de Sistemas do Censo Demográfico, Ataíde Venâncio, e da coordenadora do Comitê do Censo 2000, Alicia Bercovich
- **11 Conta-gotas** – curiosidades sobre o Censo no mundo
- **12 Espaço aberto** – saiba como foi a coleta de dados do Censo 2000 nas Unidades Regionais
- **19 Gente contando gente** – o coordenador técnico do Censo 2000, Marco Antônio Alexandre, fala de tudo um pouco sobre a operação censitária
- **23 Nos estados** – a divulgação do Censo 2000 em dois estados
- **25 Reportagem** – desde o dia 1º de agosto, o Disque-Censo tira dúvidas e esclarece a população sobre o recenseamento
- **27 Registro** – poesias, histórias dos recenseamentos de 1940 e 1950 e uma crônica de Carlos Drummond de Andrade sobre o Censo nesta seção
- **31 Censo em foco** – leia tudo sobre a campanha publicitária do Censo 2000 e o pronunciamento do Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Martus Tavares, no lançamento do Censo 2000
- **37 Atualidades** – cobertura completa da I Reunião de Avaliação do Andamento da Coleta do Censo 2000
- **41 Ponto de vista** – Fanny Elisabete Moore, da DIPEQ/SP, fala sobre os contrastes da cidade de São Paulo

expediente

Vou te contar – Revista do Censo 2000 - Publicação bimestral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI - Gerência de Promoção e Publicidade – GEPOM
Rua General Canabarro, 706/4º andar – Maracanã – Rio de Janeiro – RJ – 20271-201
Tel.: (21) 514-0123 r. 4789/3547 Fax.: (21) 514-0123 r. 3549
<http://www.ibge.gov.br> ou <http://www.ibge.net>
e-mail: voutecontar@ibge.gov.br

Gerente de Promoção e Publicidade: Lúcia Regina Dias Guimarães

Coordenadora do projeto e editora: Rose Barros (Mtb. RJ 20.342)

Redação: Aglália Tavares, Elizabeth Amsler e Valéria Vianna

Projeto Gráfico: Jorge Luís P. Rodrigues

Capa: Renato J. Aguiar

Ilustração da capa: Roberto Stoeterau

Diagramação: Helga Szpiz

Tiragem: 6 000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias e das ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.

Tarefa cumprida

É, caros leitores, estamos satisfeitos. Satisfeitos com a revista *You te Contar* e, mais ainda, com o que ela apresenta para vocês nesta edição. Vocês, com certeza, já perceberam a abertura diferente, com o pronunciamento do ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Martus Tavares, lançando o Censo 2000. Foi no primeiro dia do mês de agosto, o primeiro dia também do Censo 2000. De lá para cá, o trabalho foi intenso. E o resultado positivo que temos hoje com a coleta é fruto do esforço e do trabalho incansável de centenas de milhares de pessoas, que de alguma forma participaram desta operação. Desde os recenseadores, até os chefes de DEREs e DIPEQs, passando pelos supervisores, agentes municipais e outros tantos técnicos e profissionais. Dando suporte à coleta, um dos importantes instrumentos que revelaram sua eficácia na fase de acompanhamento da coleta, foi o Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta – o SIGC, matéria de capa desta edição. Além de entrevistar a equipe responsável pelo seu funcionamento bem sucedido, composta por Ataíde Venâncio, chefe da Divisão de Desenvolvimento de Sistemas do Censo Demográfico; Antonio Oliveira, gerente de projeto, e Davi Faria Rocha, analista responsável pelo desenvolvimento do sistema, a revista ouviu também Alicia Bercovich, coordenadora do Comitê do Censo 2000 da Diretoria de Pesquisas, que aponta os benefícios do sistema para o trabalho do Comitê.

Na seção “Gente contando gente”, o coordenador técnico do Censo Demográfico, Marco Antônio Alexandre, fala sobre a importância da publicidade para conscientizar a população e sobre a exclusão e inclusão de perguntas nos questionários da pesquisa censitária. Aproveitando a deixa, sugiro que vocês pulem umas páginas - depois voltem, não tem problema - e leiam sobre como foi pensada a campanha publicitária do Censo, na entrevista com o diretor de Mídia da Standard, Ogilvy & Mather, Newton Crespo, e com a diretora de Atendimento da mesma agência, Vivian Ferraz. A parceria Standard-IBGE deu mesmo certo, como vocês poderão perceber, ao saber a opinião do presidente da Standard, Sérgio Amado, e da dupla de criação, Rubens Filho e Vitor Azambuja.

Na seção “Nos estados”, as chefias dos SDDIs de Mato Grosso e Rio Grande do Norte avaliam como conseguiram apoio e parceria para a divulgação do Censo, enquanto os chefes de DIPEQs e DEREs fazem uma análise sobre a coleta em seus estados no “Espaço aberto”. O “*Alô, Alô!*” do Disque-Censo vai lhes mostrar as perguntas mais frequentes que foram feitas pelos usuários do serviço 0800 do IBGE e a seção “Registro” lhes apresenta curiosidades de Censos anteriores - casos que ocorreram principalmente nas décadas de 40 e 50 - além de poesias, fatos pitorescos e uma crônica de Carlos Drummond de Andrade.

Não esqueçam de conferir também como foi a I Reunião de Avaliação do Andamento da Coleta. Para terminar tem o ponto de vista da técnica da Divisão de Pesquisa de São Paulo, Fanny Elisabete Moore, sobre a cidade de São Paulo.

Tenham uma boa leitura!

Sérgio Besserman Vianna

Sérgio Besserman Vianna
Presidente do IBGE



SIGC - Sistema indispensável

O Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta - SIGC - surge como a grande revelação do Censo 2000.

Na reportagem com a equipe responsável pelo sistema, que apresentou as facilidades e os benefícios do SIGC, ficou visível a sua mais importante característica: a integração. Ele aproxima as unidades do IBGE em todo o país. Sem falar na eficiência. Todos os imprevistos que costumam aparecer na fase de coleta podem ser resolvidos com imediatismo.

“O SIGC é um grande avanço, porque permite um gerenciamento em tempo real da operação de coleta, permitindo, desta forma, tomadas de decisão e solução de problemas em tempo hábil” - diz o chefe da Divisão de Desenvolvimento de Sistemas do Censo Demográfico, Ataíde José de Oliveira Venâncio.

Ataíde explica, com uma imagem, como as coisas aconteciam antes do SIGC. Segundo ele, “antes, você tinha um sapato que o pé não entrava e tentava-se colocar o pé nele a qualquer custo, ainda que fosse necessário cortar os dedos. Hoje, não. Hoje você sabe exatamente porque o pé não está entrando”.

Ele ressalta a última reunião da direção do IBGE com os chefes dos DEREs e das DIPEQs que, por conta do novo sistema, transcorreu leve, tranqüila, sem maiores tensões, uma vez que os problemas eram analisados com dados reais, recém-saídos das circunstâncias vividas e já transformados em gráficos e tabelas. O sistema é rápido, eficaz.

Ainda dentro deste “novo conceito de se trabalhar”, como enfatizou o gerente de projeto, Antônio José de Oliveira, mudando radicalmente as relações de trabalho, percebe-se todos os níveis do processo sendo atendidos, com relatórios gerenciais prestando auxílio tanto ao posto de coleta, quanto às subáreas, DIPEQs e à direção.

São mil microcomputadores espalhados por todo o Brasil e mil *palms* - equipamentos móveis, uma espécie de computador portátil - interligados pela mesma informação referente aos números e ao andamento do trabalho do Censo. E daí a mudança. “Antes, um coordenador de área, por exemplo, pegava seu carro e ia de lugar em lugar, para detectar problemas e procurar solucioná-los. Hoje, com

um micro e um telefone, ele gerencia seu serviço, sem sair do lugar. Só sai em casos emergenciais”, explica Oliveira.

Como ressaltou muito bem o analista responsável pelo desenvolvimento do sistema, Davi Faria Rocha, com isso, “nós conseguimos romper as barreiras geográficas”. Sonho antigo da Diretoria de Informática (DI). Desde o Censo de 1991, eles buscavam desenvolver algo parecido, o que, na época, se apresentava “tecnologicamente inviável”. A internet e sua recente popularização, segundo Rocha, “facilitou, sem dúvida nenhuma, a implantação de um sistema desse porte”.

Por incrível que pareça, apesar da imensa facilidade de trabalho que o SIGC trouxe, no início, houve certa resistência. “Tivemos muita dificuldade de vender o novo modelo conceitual ao usuário, vender o sistema, mesmo” - enfatiza Oliveira - “você sabe que o novo sempre assusta. As pessoas, em geral, preferem ficar com o que já conhecem”. Mas depois de vencidos os receios iniciais, atualmente não se consegue pensar o acompanhamento do serviço de coleta como era feito antes, sem o SIGC.

Outro benefício apontado é em relação ao pagamento dos recenseadores. Como se sabe exatamente o que o recenseador fez, em tempo real, pelo sistema, há

também como viabilizar o pagamento em no máximo cinco dias. Funciona assim: coleta, gerenciamento do SIGC, consistência e qualidade, pagamento e informações a outros Departamentos. Além do mais, com a centralização do sistema no Rio, a manutenção fica extremamente facilitada, uma vez que tudo é feito pela *web*. De acordo com Rocha, o programa *workflow* permite solucionar qualquer tipo de problema via internet, com o máximo de segurança, trabalhando com tecnologia de ponta e visando sempre à performance, “tendo na ponta do processo, ferramenta simples, mas que funciona”.



Foto: Octales Gonzales

Ataide (ao centro) e sua equipe (da esquerda para a direita), Michelle Silva, Antonio José e Davi Faria, avaliam o SIGC como um grande avanço no acompanhamento da coleta.

Ataíde, por sua vez, fez questão de ressaltar o auxílio da Embratel, que disponibilizou um provedor só para o IBGE - IP-Office Dial - possibilitando manter seguras todas as informações. Ele destaca também o trabalho do analista de sistemas, responsável pelo desenvolvimento do *site* de consulta, Antônio Manoel, que, utilizando o programa *crystal report*, ferramenta importantíssima no recolhimento de dados, analisa o conteúdo das informações, para gerar gráficos, relatórios e tabelas.

Uma equipe bonita, feito os quatro mosqueteiros, que se afina, se entende e, acima de tudo, vem realizando com determinação e afincos o que sonhou.

O gerenciamento passo a passo

O desafio do trabalho de coordenação da coleta para o Censo 2000 exigiu da Diretoria de Informática novos conceitos tecnológicos. A aplicação destes conceitos abarcou desde equipamentos móveis tipo *Palm* até o reconhecimento inteligente de caracteres para a entrada de dados via escaneamento e armazenamento de imagens.

Em todo país, mil postos avançados foram equipados com microcomputadores conectados em rede com a área central do Rio de Janeiro, além de mais mil equipamentos *Palm* (Compaq - Aero 1550) distribuídos estrategicamente para os lugares de difícil acesso. Tudo isso no intuito de qualificar ainda mais o gerenciamento da coleta.

Essas ferramentas tecnológicas constituem a base de acesso ao sistema gerencial da coleta, implantado com tecnologia Notes - WEB/Internet. Isto significa que

supervisores locais puderam passar informações em tempo real, dados quantitativos do andamento da coleta, como total de domicílios e população por sexo.

As informações, uma vez passadas, eram automaticamente criticadas de forma quantitativa e qualitativa, permitindo aos supervisores locais analisarem o andamento e providenciarem, se preciso fosse, as devidas correções na operação de campo.

O pagamento da produção de cada recenseador era feito com base nas informações gerenciais, já que a integração com o sistema de pagamento permitia a execução imediata da produção no instante da liberação do setor.

Assim, com esse novo modelo, o IBGE coloca à disposição, em dezembro deste ano (tempo recorde), os números da população brasileira por sexo. No Censo anterior, sem o SIGC, tanto o gerenciamento da operação quanto o pagamento dos recenseadores e a divulgação dos resultados eram feitos em processos menos automatizados, com transmissão de arquivos e envio de planilhas em folhas de papel. O processo de acompanhamento também era mais lento. As correções, por sua vez, não tinham como ser viabilizadas em tempo hábil.

As assinaturas eletrônicas do SIGC vieram substituir toda a burocracia dos Censos anteriores. Para pagamento, o processo automático reduziu de 20 para cinco dias, no máximo, a liberação do dinheiro no banco. Quanto aos resultados preliminares da contagem da população por sexo, o que demorava três meses para acontecer depois do término da coleta, hoje pode ser divulgado imediatamente após os trabalhos terem sido fechados.

É o Censo 2000 e suas novas tecnologias.

Coleta com qualidade

Além de ser um sistema indispensável ao Censo 2000, o SIGC é também fundamental para se atingir o controle de qualidade da coleta. Na opinião de Alicia Bercovich, coordenadora do Comitê do Censo 2000 da Diretoria de Pesquisas, a idéia é

buscar a “qualidade total” se o assunto é acompanhar a coleta de dados do Censo 2000. Em entrevista à *Vou te Contar*, ela aponta usos e as vantagens do sistema para o Comitê, outras áreas de coordenação do Censo e para as Divisões de Pesquisas (DIPEQs), além de mostrar que graças a ele é possível acompanhar a coleta não só em tempo real, como em tempo hábil, ou seja, quando os recenseadores ainda estão em campo.



Foto: Octales Gonzales

Segundo Alicia, o SIGC auxilia no controle de qualidade da coleta de dados.

Vou te contar - Qual a importância do SIGC para o Censo 2000?

Alicia - Fundamental, pois graças a ele estamos acompanhando praticamente em tempo real as atualizações que todos os estados fazem em relação à coleta. Ao mesmo tempo, o sistema nos permite já fazer as primeiras análises e verificar a

consistência dos primeiros resultados. Nós, do comitê do Censo 2000, por exemplo, utilizamos o SIGC em vários níveis. No nível macro (Grandes Regiões e Unidades da Federação), vemos o andamento do Censo em seu conjunto para fazer as primeiras análises, já que os resultados são suficientemente robustos para serem comparados com a série histórica. No nível micro, destacamos os municípios, ou os seus setores, que têm um comportamento diferente. E enviamos para a CTD as notificações, problemas ou discrepâncias. Para nós o que é importante são os dados como, por exemplo, se a taxa de crescimento do município está coerente; se a mesma é coerente com a estimativa de população já feita; se o município já concluído é coerente com a série histórica, para aqueles em andamento; ou ainda, se os parâmetros são razoáveis. Desce-mos a nível de setor caso encontremos discrepância e a mesma precisa ser elucidada. Se observamos um problema num município, fazemos uma análise exploratória e identificamos o setor no qual reside o problema.

Vou te contar - De que forma o SIGC auxilia o controle de qualidade de coleta?

Alicia - A idéia é de qualidade total. Com o SIGC, podemos detectar problemas que ainda estamos em tempo de resolver. Por isso analisamos os setores ainda em andamento. E nos baseamos no conhecimento já adquirido em outros censos. Tanto no Censo de 1980 como na Contagem de 1996 nós tivemos um sistema de acompanhamento de coleta. Então a partir desse sistema e de outras

análises, a gente já sabe quais são os problemas mais comuns no campo. A idéia é resolver os problemas antes de concluir a coleta, por isso temos o acompanhamento em tempo real para cada setor em andamento. Em 1980, toda semana as Unidades Regionais enviavam um telex passado aos digitadores que digitavam as informações em cartões perfurados. Então, toda semana acompanhávamos quem não tinha atualizado o sistema. Uma coisa é o acompanhamento em tempo real e outra é a correção em tempo hábil (antes de fechar a coleta). Agora, com o arcabouço informático, temos tudo em tempo real: depois que o dado é processado no sistema SIGC nós recebemos esse dado. O SIGC também vai permitir entregar resultados preliminares do Censo com muita antecedência. Em dezembro, por exemplo, entregaremos resultados com algumas análises. Sem o SIGC teríamos muito mais dificuldades em fazer as análises que fazemos. Não posso deixar de levar em conta que a realidade que eu tenho não é a da coleta mas a realidade dos estados que atualizam o SIGC. A sensação que a gente tem é que, cada vez mais, os estados têm consciência da necessidade de se atualizar os dados, os quais estão sendo atualizados permanentemente. É claro que nas zonas rurais é mais difícil uma atualização semanal porque os recenseadores vão a campo e até voltarem pode demorar mais de uma semana que é o intervalo entre atualizações que temos solicitado.

Vou te contar - *Que tipos de problemas o SIGC pode apontar?*

Alicia - Podemos dar uma

série de indicadores que permitem dar uma visão global da coleta. Se eu achasse um problema de nível global, o que não é o caso pois está tudo muito coerente, eu passaria a discuti-lo no âmbito da CPO - Comissão de Planejamento e Organização do Censo 2000. Em geral, há problemas localizados. Quando achamos esse tipo de problema, que parece suspeito, nós acessamos a informação do setor. Quando há um erro de digitação num setor é muito simples. Tradicionalmente, na semana seguinte está corrigido. Se vemos que não é um erro de digitação, passamos o dado para a Coordenação Técnica do Censo Demográfico (CTD), que tem condição de solicitar o trabalho de campo para verificar a causa do problema. Um erro de digitação se torna um problema grave se permanecer quando o município já estiver concluído. Mas trata-se de um erro que dificilmente chega ao final do município porque na hora de concluir, o município será analisado com uma série de indicadores que detectam esse erro de digitação. Um motivo para alerta, é quando se encontram informações comparadas com o que a gente conhece de demografia. Quando se acha uma discrepância com um tendência observada para o município, o normal é discutir ou questionar porque essa tendência não se verifica. Caso se ache uma explicação demográfica para essa discrepância, é perfeito, senão devemos continuar analisando. Um exemplo típico é o crescimento desmedido da zona rural de um município. Devido ao processo de urbanização do país, tradicionalmente, as zonas rurais

vão diminuindo, ficando com uma população cada vez menor. Ou, pelo menos, a população nessa área não aumenta. Quando aumenta muito, a população rural pode ter um erro. Nesse caso, se vai ao campo e se verifica. Há também a possibilidade da zona rural ser um pólo de atração e neste caso não há erro.

“Com o SIGC, podemos detectar problemas que ainda estamos em tempo de resolver. Por isso, analisamos os setores ainda em andamento.”

Alicia Bercovich

Vou te contar - *Qual a utilidade do SIGC para os chefes da DIPEQs?*

Alicia - Para os chefes de DIPEQs, acho que é fundamental pois eles conseguem ver onde estão os gargalos, possíveis problemas e se têm condições ou não de atacá-los. A partir de cruzamentos e tabelas, eles podem chegar ao nível de setor ou de subárea e podem definir se o problema está localizado numa subárea específica ou se é setorial. Também podem dirigir o foco para as suas unidades de trabalho e localizar os problemas de atraso ou pressa na coleta, o que faz o SIGC ser uma ferramenta da maior importância.

Cingapura faz Censo via internet

Cingapura é o primeiro país a usar a Internet para a coleta de dados do Censo 2000, iniciado em março. A população pode responder ao questionário, disponível no *site* do instituto oficial de estatística do país, a hora em que desejar. Do ponto de vista operacional, a principal vantagem do recenseamento *on-line* é a codificação eletrônica dos dados, garantindo sua confidencialidade. Quem não responder ao Censo via internet,



será contatado e recenseado pelo telefone através do CATI (Computer Assisted Telephone Interviewing) - sistema de entrevistas telefônicas monitoradas por computador, inaugurado no Censo de 1995, quando 40 mil cidadãos foram recenseados por telefone. E se o sistema CATI falhar, está previsto o recenseamento em todos domicílios cujos habitantes não responderam ao Censo - tudo para não deixar ninguém de fora da pesquisa.

Contando a população palestina

O território da Palestina também possui um instituto de estatística - *Palestinian Central Bureau of Statistics* - que é responsável por organizar periodicamente recenseamentos da população. O último Censo foi realizado em 1998 e contabilizou um total de 2.895.638 habitantes, incluindo a parte de Jerusalém ocupada pelos palestinos. Desse total, 1.470.506 são homens e 1.425.177 mulheres. Na Faixa de Gaza - pomo da discórdia entre israelenses e palestinos - foram contados 1.022.207 habitantes. Quanto ao número de domicílios, 407.265 foram recenseados, sendo 116.445 só na Faixa de Gaza.

Saindo do forno

O Censo 2000 da Tailândia não só começou como já terminou. No dia 1º de abril, foi iniciada a coleta de dados e os resultados preliminares já estão disponíveis no *site* do *bureau* oficial de estatística, *National Statistical Office of Thailand* (www.nso.go.th). Os dados mostram que o país tem 60.606.947 habitantes, dos quais 29.844.487 são homens e 30.762.077 são mulheres. A Tailândia é o quarto país mais populoso do Sudeste Asiático, atrás das Filipinas, com 74 milhões, Vietnam, com 79 milhões e Indonésia, com 209

milhões. A taxa de crescimento da população do país foi de 1,05 e a densidade populacional, 118,1 habitantes por Km².



Fincando a bandeira

Além do endereço do morador no dia em que é recenseado, o Censo da República da Estônia, realizado este ano, também quer saber quando os habitantes chegaram ao país, que conquistou a independência em 20 de agosto 1991 com a queda do comunismo na antiga União Soviética, dividida em estados independentes. De acordo com os dados mais recentes sobre migração e população, pesquisados em janeiro deste ano, 13.237 pessoas deixaram o país em 1991 contra 5.203 imigrantes legalmente registrados. A Estônia tem 1.439.197 habitantes, 669.583 homens e 769.614 mulheres, sendo 65% estonianos, 28% russos, 3% ucranianos e 1% bielorrussos.

Rodando o país com o Censo

Para promover o Censo, o *Bureau* de Censo norte-americano (*USA Bureau of Census*) criou uma campanha de mobilização nacional denominada *How America knows what America needs* (Como a América sabe do que a América precisa). A campanha inclui os programas *Road Tour* (Tour pelas estradas), *'90 Plus Five* (Noventa mais cinco) e *Because you count* (Por que você conta). Idealizado como um programa de divulgação itinerante, o *Road Tour* contou com 12 veículos equipados com vídeos e *folders* que percorreram os quatro cantos do país espalhando mensagens sobre a importância do Censo. Já o *'90 Plus Five* lançou um desafio às comunidades cujos representantes, previamente escolhidos, deveriam estimular o envio do maior número possível de questionários preenchidos. Quanto ao *Because you count*, pesquisadores do *bureau* visitaram residências de diversos estados com o objetivo de ajudar os moradores a responder aos questionários corretamente.

O Censo pelo país afora

Desde agosto, recenseadores percorrem o país de ponta a ponta, contando casa, contando gente para o Censo 2000. E quem vai contar a quantas anda esta fase de coleta, iniciada no dia 1º, são os chefes das unidades regionais - Departamentos Regionais (DEREs) e Divisões de Pesquisa (DIPEQs) - entrevistados pela *You te Contar* que abriu espaço para contarem de tudo um pouco nesses meses que o Censo ganhou as ruas.

Sem aumentar um ponto, Antônio José Biffi, chefe do DERE - Norte; Adão Delfino dos Santos, chefe da DIPEQ do Acre; Daniel Ribeiro Oliveira, chefe da DIPEQ de Goiás; Aniberto Mendonça de Melo, chefe da DIPEQ da Paraíba, Maurício Batista, chefe da DIPEQ de Santa Catarina; Pedro James Guedelha, chefe da DIPEQ do Maranhão, Marilene Sanches Simões, chefe do DERE - São Paulo; César Serrato, chefe da DIPEQ do Amazonas; Maria Antonia Esteves, chefe da DIPEQ de Minas Gerais; Walker Roberto Moura, chefe da DIPEQ do Distrito Federal; José Renato de Almeida Braga, chefe da DIPEQ do Rio Grande do Sul; Fátmato Ezzahrá Shabib, chefe da DIPEQ do Mato Grosso do Sul; Romualdo Pereira de Rezende, chefe da DIPEQ do Rio de Janeiro; Argemiro Carvalho, chefe da DIPEQ de Rondônia; Antonio Moreira Leles, chefe do DERE/ Centro-oeste e Sinval Dias Santos, chefe da DIPEQ do Paraná "contam um conto" e falam sobre os erros e acertos da fase inicial da coleta, a mobilização da população para o Censo 2000 e a participação das Comissões Censitárias Municipais na maior operação de recenseamento já organizada no país.



Antônio José Biffi



Adão Delfino dos Santos



Aniberto Mendonça de Melo

Daniel Ribeiro Oliveira



Vou te contar - Como o (a) Sr. (a) analisa essa fase inicial da coleta de dados do Censo 2000 nos municípios que a sua unidade abrange?

Biffi - Por este departamento estar situado na Região Amazônica, posso afirmar que a fase inicial do Censo é muito delicada e requer muito "jogo de cintura", pois colocar os recenseadores em campo é muito difícil, principalmente quando se leva em conta a disponibilidade orçamentária.

Adão - Consideramos lenta, principalmente na zona rural, pela dificuldade de acesso à maioria dos setores. Há falta de estradas e rios com as águas muito baixas nesta época.

Daniel - Tudo está dentro do previsto, com as dificuldades e facilidades inerentes a uma operação censitária.

Aniberto - Na verdade, essas atividades têm fluído de forma até surpreendente, considerando-se o grau de conscientização e sensibilização da população para os trabalhos do Censo. Outro importante aliado é a imprensa paraibana que tem sempre aberto espaço para a divulgação do nosso trabalho.

Maurício - A fase inicial da coleta de dados do Censo 2000 está sendo uma das melhores de que já participei. Acredito que o planejamento e as contratações antecipadas tenham sido fatores importantes para isto, além é claro

de outros como a mídia, a experiência do nosso corpo técnico/administrativo, a criação das Comissões Censitárias em todos os municípios e do próprio crescimento cultural da população, que hoje vê a importância das informações no seu dia a dia.

Guedelha - Eu diria que foi razoável, nem ruim e nem boa. Nós conseguimos fazer no Maranhão o lançamento da coleta na primeira semana. Devido ao pequeno atraso no envio do material, não foi possível lançar a coleta na mesma data em todos os municípios. Conseguimos entrevistar diversas autoridades para o lançamento, como, por exemplo, a governadora do estado, Roseana Sarney. Entrevistamos também o presidente do Tribunal de Justiça, Jorge Rachid, além do vice-governador.



Maurício Batista

Marilene - Nós realmente tivemos problema de atraso de material para os municípios do interior, mas o mesmo foi contornado pelo nosso pessoal com muita eficiência e este fato não impactou na fase inicial de coleta. E se houve algum impacto, nós conseguimos tirar essa diferença.

César - O material de treinamento chegou com atraso, mas não foi o problema principal. Já os questionários só chegaram ao Amazonas no dia 1º de agosto - o dia em que começaria o Censo 2000. Simbolicamente, o evento foi iniciado no dia 1º, mas, efetivamente, foi iniciado no dia 14 de

agosto. E alguns municípios só começaram a coleta no final de agosto. Na Região Amazônica, a carência principal é de transporte. Por isso, para que a fase de coleta não tivesse atrasos, teríamos que ter recebido o material com pelo menos 1 mês de antecedência, para que o mesmo fosse remetido aos municípios. Poderíamos até ter escolhido o caminho mais curto - do CDDI direto para os municípios - mas consideramos que seria menos complicado e trabalhoso vir para Manaus e daqui ser encaminhado para os lugares.



Pedro James Guedelha

Maria Antonia - O início foi meio tumultuado porque houve um atraso na coleta em alguns lugares. O que tentamos fazer foi atenuar o problema e avançar. Por fim, houve um prejuízo que não causou muitos danos ao estado como um todo, ou seja, a falta do material foi regionalizada, tanto na etapa do treinamento, quanto na fase da coleta. Em ambas as situações, implementamos mecanismos necessários para a solução do problema, buscando alternativas internas, ou contando com o apoio do Centro de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE (CDDI).

Walker - A fase inicial de coleta do Censo 2000 no Distrito Federal foi, de um modo geral, bem sucedida. Obtivemos o acesso e o apoio fundamental dos meios de comunicação local tais como,

jornais, televisão, veículos das associações comunitárias, órgãos de classe e das administrações regionais do estado. Toda a imprensa ofereceu apoio ao lançamento do Censo 2000. A nossa expectativa é de que consigamos manter o bom relacionamento com os veículos de comunicação local e, por conseguinte, ter as comunicações esclarecidas, já que tem sido considerável a participação dos representantes comunitários do Distrito Federal.

José Renato - O Censo para mim começa lento, tem um deslanche, e depois você retorna para o processo mais lento em função dos domicílios fechados e a produção fica reduzida. Dentro desta avaliação, nós, do Rio Grande do Sul, tivemos um período bom de trabalho, tendo sido dentro do que a gente esperava. No início, foi além da nossa expectativa. Prevíamos um início mais lento, mas, felizmente, o trabalho se desenvolveu com uma certa tranquilidade e rapidez.



Marilene Sanches Simões

César Serrato



Walker Roberto Moura



Maria Antonia Esteves

Romualdo - Em todo o Censo, 100% da infra-estrutura deveria estar montada para começar a coleta. Mas, na verdade, praticamente, nunca conseguimos. Posso dizer que em termos de infra-estrutura, nós começamos com 90% no Rio de Janeiro. E nesse Censo, o problema operacional que houve foi a falta de material para começar em todos os municípios.

Fátmato - Acho que tivemos um desgaste grande em relação à atraso de material. Faltou álbum seriado na hora exata e isso desgastou o pessoal da casa que estava coordenando os trabalhos nas pontas. Mas acho que esse desgaste também é exagero do pessoal em função de que hoje a gente conta com uma equipe restrita para cobrir um estado tão extenso. Atrasos em Censo é normal, porém na situação em que o nosso estado se encontra, acho que isso causou problemas.

Argemiro - Foi complicada, levando-se em consideração a falta de material de coleta nessa fase. Nós tivemos material para a primeira semana, faltando nas duas semanas seguintes. O envio de questionários das subáreas para os municípios, por exemplo, foi complicado, o que acarretou a paralisação da coleta em algumas áreas.

sação da coleta em algumas áreas.

Leles - Inicialmente, a gente viu um pequeno atraso na coleta, além de um certo receio do pessoal em alimentar o

SIGC. Agora o SIGC está deslançando.

Sinval - Na fase inicial, tivemos um pequeno problema que foi o recebimento do material de treinamento e o material de coleta que atrasou para algumas regiões. Passado este período, o Censo passou a fluir bem.

Vou te contar - *Foi registrada alguma dificuldade que possa ter atrasado ou prejudicado a coleta?*

Biffi - Ocorreu atraso na entrega do material para o treinamento dos recenseadores e, assim, a consequência imediata foi o retardamento do início da coleta em alguns municípios da região Norte, principalmente no interior.

Adão - Sim, a falta de recenseadores habilitados para o treinamento, com isto tivemos que treinar novas turmas.

Daniel - Sim. O atraso na entrega do material de treinamento e de coleta prejudicou o início da mesma.

Aniberto - O atraso na entrega do material de coleta fez com que atrasássemos o início do Censo, por uma semana, com exceção dos municípios de João Pessoa, Campina Grande e Bayeux. As pesquisas eleitorais, freqüentes neste período, contribuíram para confundir as pessoas menos esclarecidas, pois, muitas vezes, alegavam que já haviam prestado a informação ao IBGE, quando, na verdade, haviam prestado a algum instituto de pesquisa eleitoral.

As pessoas vinculadas a estas entidades, muitas vezes, tentavam se identificar como sendo do IBGE para assim obterem mais facilmente as informações desejadas. Tivemos, então, que usar a imprensa para esclarecer as situações.

Maurício - Sim. O envio do material de treinamento e da própria coleta nos criou uma série de dificuldades no início da mesma. E, principalmente, as fortes chuvas por semanas seguidas, que quase colocou toda a operação a perder, pois houve um desestímulo muito grande por parte dos recenseadores.

Guedelha - O pequeno atraso na disponibilização do material foi um fato marcante. Uma coisa é o material chegar na capital e a outra coisa é chegar na ponta, ou seja, em todos os 217 municípios. A solução foi usar o pouco material de treinamento que já tínhamos para fazer a coleta. Outro fator problemático que dificultou a coleta no estado foi a base cartográfica que revela a questão das fronteiras. Esse problema causou um transtorno imenso no gerenciamento da coleta.

Marilene - O problema de São Paulo é que se trata de um estado muito grande e isso causa alguns transtornos. Por exemplo, tivemos que informatizar 192 postos de coleta num tempo recorde, com o nosso pessoal trabalhando 24 horas para dar conta disso. Se tivéssemos tido tempo teríamos tido um resultado melhor.

César - A coleta está transcorrendo de acordo com as dificuldades próprias da região. Têm locais que a coleta foi complicada, por conta da seca dos rios, os quais só permitem navegação numa embarcação chamada "rabetinha". O rio Juruá, por exemplo, nessa época do ano, tem muitos bancos de areia porque a seca começa muito cedo. Os Andes

José Renato de Almeida Braga



do recenseador à noite ou nos fins de semana porque são pessoas ocupadas, que estão nos ministérios ou estão viajando. Sendo assim, o recenseador fica sem espaço. Ele bate à porta várias vezes e nada. É significativo o número de recenseadores que desistem dessas áreas. Eles começam a trabalhar e desistem, pois não acham os moradores.

José Renato - Tivemos problemas de deslocamento (transporte), áreas indígenas, chuvas e acesso a algumas áreas restritas, mas nada que não esteja dentro das previsões iniciais. Os problemas que surgem estão sendo resolvidos.

Romualdo - O que impactou o início da coleta foi o atraso de material.

Fátmato - Eu tive problemas com as áreas distantes que ficam no Pantanal, em relação à distribuição de material, pois é bem mais distante. Além disso, têm áreas de difícil acesso e perigosas por causa do tráfico de drogas. Os recenseadores ficaram receosos em trabalhar nelas.

Argemiro - Houve falta de recenseadores em alguns municípios e não conseguimos contratar o número previsto no edital do concurso. Além do atraso do envio de recursos financeiros para pagar a ajuda de custo dos recenseadores e aluguel de barcos - fatores que também prejudicaram a coleta no nosso estado.

Leles - Pelo fato de Tocantins e Mato Grosso serem regiões muito extensas tivemos problemas de distribuição de material. No noroeste do Goiás, a coleta apresentou problemas porque os recenseadores estavam envolvidos em campanhas políticas e, por isso, não aceitaram o valor do pagamento estabelecido pelo IBGE. Diante disto, enviaríamos Agentes

Censitários Municipais (ACMs) para resolver os problemas, o que acabou não precisando. Fora isto, correu tudo com normalidade.

Sinval - No caso específico da Região Sul, o problema foi a quantidade de chuvas. Nas duas semanas de chuvas que tivemos, a coleta só pode ser feita em um ou dois dias. Acho que as chuvas não chegam a atrasar a coleta, mas podem atrapalhar a velocidade da mesma. Outro problema que atrapalhou um pouco também foi o atraso na locação de veículos, os quais só chegaram no dia 14 de setembro, 44 dias depois do Censo iniciado.

Vou te contar - *Qual está sendo, na sua opinião, o meio mais eficiente para conscientizar a população da importância de receber bem o recenseador e responder corretamente ao questionário?*

Biffi - Continua sendo a televisão o meio de comunicação mais eficiente. As inserções nas novelas e depoimentos de artistas têm ajudado bastante na divulgação do Censo.

Adão - Divulgação através do rádio e televisão.

Daniel - A veiculação de *merchandising* na televisão, principalmente as cenas apresentadas durante novelas, que têm grande alcance junto aos telespectadores.

Aniberto - O uso intensivo da mídia.

Maurício - O que mais influencia a população para receber bem o recenseador, logicamente após a mídia nacional, são as ações de caráter local, através das Rádios AM e FM, em programas populares e noticiários, por usarem uma linguagem mais simples e direta. As rádios



Romualdo Pereira de Rezende

estão descongelando pois está chegando o verão nessa região. Com o degelo no oeste da Amazônia, os rios voltarão a encher. Então, nós temos particularidades dentro do mesmo estado.

Maria Antonia - Nosso grande problema são as grandes extensões de setores rurais. São setores com mais de 1.000 quilômetros, os quais não têm limites visíveis e definidos por acidentes geográficos, somente limites imaginários ("linhas secas"), estabelecidos pelos técnicos do IBGE. Isto desestimula o recenseador que chega ao local e não sabe como delimitar sua área de atuação. Além disso, as chuvas castigaram parte do estado.

Walker - No Distrito Federal, o mais difícil é os recenseadores conseguirem realizar com desenvoltura o recenseamento das áreas do Lago Sul, Lago Norte, Asa Sul e Asa Norte - as mais nobres de Brasília. Estes locais, apesar do grande grau de conhecimento e utilização dos dados estatísticos, são os que menos colaboram porque é incômodo receber a visita



**Fátmato
Ezzahrá Shabib**



**Antonio Moreira
Leles**

Argemiro Carvalho



Sinval Dias Santos

esclarecem melhor a população, dando inclusive a oportunidade para a sua participação nos programas, com a resposta imediata a seus questionamentos. Outra alternativa são as igrejas. Em Santa Catarina, o Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus orientou todos os pastores do estado para que informassem em seus cultos a importância do Censo para o país, e que recebessem bem o recenseador do IBGE.

Guedelha - No caso do Maranhão, face às condições de acesso a informações pela maioria da população, a combinação de mais de um meio de comunicação foi eficaz para informar à população sobre o Censo. Há situações que demonstram que muitas pessoas lêem jornais diários; outro segmento assiste mais televisão e um terceiro ouve programas radiofônicos. Estes são os meios que eu considero de grande eficácia para as áreas urbanas, além do *outdoor*. No caso das populações rurais, prevalece o rádio seguido da televisão. Concluo, dizendo que a utilização do rádio e da televisão com planejamento voltado para programas de maior audiência é bastante positivo para a divulgação do Censo.

Marilene - Não existe um único meio responsável pela boa receptividade ao recenseador e pelo fornecimento de respostas. O conjunto de recursos utilizados

na organização, planejamento e divulgação do Censo 2000 tem gerado um surpreendente envolvimento da população, como, por exemplo, formação das CCMs, informações sobre o Censo na *homepage* do IBGE e divulgação do concurso para o pessoal que trabalharia no Censo. O mais eficiente meio de comunicação do Censo 2000 tem sido a postura de fornecer respostas ao interlocutor, seja ele cidadão ou a grande imprensa. A resposta é elemento fundamental do diálogo e este é o principal responsável pelo envolvimento da população no Censo 2000.

César - A participação em programas locais de rádio e televisão. Como se trata do Amazonas, o rádio é o meio de comunicação mais utilizado.

Maria Antonia - Não há destaque para determinado meio de comunicação, considerando que, de maneira geral, cada um tem papel relevante na forma, meio e modos de como se veicula uma informação para que se torne um poderoso instrumento de conscientização e mobilização. A eficiência, portanto, está condicionada à qualidade de como a mensagem de conscientização é desenvolvida e qual a intensidade com que atinge

o público-alvo, tendo sido variada em função de diversos fatores: região, cultura, tradição, *status* econômico, costumes etc. Em síntese, cada um tem seu mérito, peso e valor de acordo com as circunstâncias locais.

Walker - Na opinião da equipe de Coordenação da Coleta do Censo 2000 do Distrito Federal, os veículos de comunicação que mais têm atingido a população na divulgação do Censo 2000 são as mídias televisiva e a radiofônica. Esta última por atingir as camadas mais humildes e participativas da população através de programas interativos.

José Renato - Acredito que o melhor meio é a televisão, com inserções em programas de audiência popular. Considerando o custo, outra alternativa é a mídia impressa através de matérias preparadas com antecedência pela coordenação geral, que abordam a utilização social, acadêmica e governamental dos dados, evitando o entendimento que o Censo se esgota na contagem populacional. Como a maior resistência em se responder ao Censo é das classes média e alta, a matéria, tanto da televisão, como da mídia impressa, deve atingir este público alvo.

Romualdo - A televisão é o meio de comunicação mais eficiente, pois atinge todas as classes sociais, através de matérias em telejornais locais ou nacionais, inserções em novelas e propaganda em horário nobre.

Fátmato - Acredito que os meios de comunicação tradicionais, jornais, revistas, rádio e TV, são os mais adequados e eficientes para atingir todas as classes em áreas urbanas das cidades maiores. Contudo cabe destacar que algumas ações devem ser informadas, como, por exemplo, na região de fronteira com o Paraguai, a divulgação dos nossos *spots* foi exatamente nas rádios paraguaias, já que a população fronteiriça tem o hábito de ouvi-las.

Argemiro - O meio mais eficiente é a televisão, através da novela das oito e os telejornais nacional e local, seguidos de perto pelos programas de informação popular veiculados nas rádios AM e FM. E, depois, os jornais de circulação nacional.

Sinval - O meio mais eficiente, sem dúvida, é a televisão, principalmente no horário nobre. As matérias veiculadas no Jornal Nacional e até mesmo as veiculadas na novela das oito ajudaram bastante o trabalho do recenseador. Além disto, a divulgação na imprensa local e nos jornais regionais também contribuiu na divulgação do Censo 2000.

Vou te contar - *Como está sendo a atuação das Comissões Censitárias Municipais na sua região?*

Biffi - Por enquanto está tudo maravilhoso. Vamos ver quando os municípios estiverem próximos do final de coleta. A situação pode mudar e, sendo assim, será importantíssimo o trabalho das Comissões Censitárias Municipais.

Adão - Na maioria dos municípios não vimos interesse dos membros da comissão, havendo até dificuldade de realizarmos as reuniões por falta de quorum.

Daniel - Nesta unidade, que reúne 242 Municípios, em todos

foram criadas as CCMs, sendo algumas mais e outras menos representativas. Deste modo, tivemos a oportunidade de divulgar o trabalho do Censo 2000, diretamente, pelo menos para cada membro dessas comissões, o que já seriam 1.000 pessoas.

Aniberto - As CCMs têm sido um instrumento valioso para o acompanhamento dos trabalhos censitários. Como exemplo das questões abordadas, citamos as discussões sobre eventuais imprecisões de limites intermunicipais.

Maurício - Instalamos as CCMs em todos os municípios catarinenses. Tiveram e estão tendo uma grande representatividade, tendo em média oito participantes por comissão, perfazendo um total de 2.306 membros nos 293 municípios do estado, sendo que a maior comissão conta com 26 autoridades. Mais de 60% dos municípios já fizeram a sua primeira reunião ordinária, alguns já estão na terceira, e a principal cobrança hoje, é o projeto "Vamos Contar", pois o envolvimento das Secretarias Estadual e Municipal de Educação tem sido significativo. Temos participado de reuniões estaduais e municipais, desde o ano passado e sempre falando do projeto.

Guedelha - Já instalamos as CCMs nos 217 municípios do Maranhão e já fizemos duas reuniões. Em alguns municípios estamos partindo para a terceira, inclusive na capital, a qual eu presido.

Marilene - As reuniões das CCMs em São Paulo têm sido excelentes, inclusive da capital foi implementada com excelente resultado. Está havendo o exercício da cidadania que a gente tanto busca e não podemos deixar de afirmar que a CCM está contribuindo e muito.

César - Foram muito boas e através delas conseguimos auxílio no transporte urbano. Recenseador não paga ônibus em Manaus. Além da colocação de cartazes em ônibus. Os líderes comunitários que participam das comissões auxiliaram a coleta, na medida em que facilitaram o acesso dos recenseadores às regiões dominadas pelo tráfico de entorpecentes. Cada reunião está contando com a participação de 50 a 60 pessoas. Outro exemplo de ação que conseguimos através das CCMs foi a inserção gratuita do anúncio do Censo 2000 sobre pessoas portadoras de deficiência no programa Fantástico, veiculado pela retransmissora da TV Globo no estado.

Maria Antonia - As reuniões das CCMs de Minas Gerais estão transcorrendo muito bem e têm sido uma ferramenta subsidiária bastante eficiente. A de Belo Horizonte, especialmente, é excelente porque está seguindo à risca as atribuições próprias de uma CCM que são ajudar a resolver as pendências e dar apoio, tais como: disponibilidade de local para treinamento, mobiliário, imóveis, divulgação, enfim, tudo de que necessitamos.

Walker - Em Brasília, apesar de termos município único, contamos com 19 Regiões Administrativas e em cada uma instalamos uma CCM, cujos membros são representativos da administração local e de segmentos organizados da sociedade. Por terem representatividade junto às comunidades, estas pessoas participam do processo de acompanhamento e discussão das melhores formas de se realizar a coleta do Censo 2000. Neste contexto, deparamos com uma reivindicação antiga dos administradores regionais e da maioria dos órgãos e comunidades usuárias dos dados estatísticos do DF, que é o

IBGE divulgar os resultados do Censo 2000 por região administrativa e não somente divulgar o quantitativo da população de Brasília, que, em suma, é a população do DF. Isto é um problema que gostaríamos de ver solucionado.

José Renato - As reuniões são importantes e nós fizemos um trabalho junto com as associações regionais de prefeituras. Conversamos sobre a importância da participação da sociedade no Censo 2000. Saliemos que, normalmente, após o término do Censo é que as prefeituras procuram o IBGE reclamando dos números, porém, o momento de reclamar é durante a execução do trabalho, permitindo assim, caso se constate algo errado, que seja corrigido. É muito importante a participação das CCMs. Há municípios em que o trabalho é difícil pois não conseguimos reunir as pessoas. Marcamos a reunião e, às vezes, não vai ninguém. As pessoas ainda não se adaptaram a esse tipo de participação e esta é a grande dificuldade que temos em relação às CCMs.

Romualdo - Praticamente 90% dos municípios têm CCMs instaladas e há um interesse muito grande nos resultados e informações que passamos para os membros. Eles estão maravilhados com o Censo e isso é algo muito bonito



gente precisa insistir para que elas ocorram. O pessoal de fora também mostra resistência. Muitas vezes o prefeito falta e precisaria fazer uma conscientização maior. Mas, mesmo assim, elas viabilizam o trabalho e nas cidades pequenas a divulgação do Censo fica por conta delas.

Argemiro - As reuniões estão sendo muito boas e muito proveitosas. Além disto, o trabalho do IBGE está sendo bem aceito e bastante elogiado, o que

é muito bom para a gente.

Leles - O DERE ficou um pouco afastado das reuniões das CCMs porque demos preferência ao acompanhamento gerencial e deixamos o coordenador técnico e o chefe da DIPEQ a cargo das mesmas. De todo modo, as CCMs têm se mostrado bastante boas. A participação da comunidade tem se efetivado, exceto em poucos lugares, nem sempre os membros comparecem. Eles preferem mandar representantes - o que enfraquece o poder da CCM. No todo, as reuniões têm sido boas.

Sinval - As reuniões estão indo muito bem em todo o estado. Os membros estão participando e discutindo ativamente. Além disto, o IBGE tem informado como a coleta de dados está sendo feita, bem como a metodologia utilizada, o que é muito bom para as CCMs.

que eu vi na capital. Teoricamente, não haveria motivo de existir uma CCM num município tão grande como o Rio de Janeiro, o qual não se importa muito com o Fundo de Participação dos Municípios por ter um número de população bem alto. Enfim, o que os participantes das CCMs têm demonstrado é um interesse bem grande nos números e informações do IBGE. Eles participam ativamente, são disseminadores, não faltam às reuniões e promovem ações, como, por exemplo, um deles faz parte dos Administradores de Imóveis. No jornal da entidade, ele publicou uma matéria sobre o Censo, dirigida aos síndicos, além de ter enviado cartas aos mesmos explicando sobre a operação censitária.

Fátmato - Eu acho que são ótimas e sua utilização importante, apesar da resistência do pessoal do quadro. Eles não aceitam muito e a

De tudo um pouco sobre o Censo 2000

Se o assunto é Censo 2000, Marco Antonio dos Santos Alexandre, coordenador técnico do Censo Demográfico, tem as informações na ponta da língua. Afinal são 10 a 12 horas diárias de dedicação à maior operação de recenseamento já organizada no país. Comandando uma equipe de 65 técnicos lotados na Diretoria de Pesquisas (DPE), ele sabe tudo e mais um pouco do Censo e garante "para conhecer, é preciso se dedicar". Entrevistado pela *You te Contar*, Marco Antonio analisa e opina sobre vários assuntos que envolvem o Censo 2000, desde a importância da campanha publicitária para conscientização da população até a exclusão e inclusão de perguntas nos questionários básico e da amostra. Confira a entrevista.

Vou te contar - *Uma campanha de publicidade com anúncios em TV, jornais, rádio e mídias alternativas é suficiente para que as pessoas tenham consciência da importância das informações obtidas através de um Censo?*

Marco Antônio - Fazendo uma avaliação a partir de viagens às unidades regionais e do acompanhamento, mais de perto, no Rio de Janeiro, pode-se concluir que a campanha está muito boa. Eu acho que isso é importante ressaltar. Acho que está atingindo o objetivo que é fazer as pessoas terem consciência da importância do Censo. Ainda assim, não só a Coordenação Técnica do Censo Demográfico (CTD), mas a direção do IBGE estão sempre recomendando que nas reuniões das Comissões Censitárias Municipais (CCMs) seja enfatizada a necessidade de que os componentes das comissões, especialmente representativos da so-

cidade, contribuam e colaborem divulgando o Censo e mostrando à população a importância de se responder ao questionário. Não há necessidade de novas medidas em relação à campanha. O importante é enfatizar aos participantes das

comissões a necessidade de eles ajudarem na divulgação do Censo.

Vou te contar - *A verba do Fundo de Participação dos Municípios é proporcional ao número de habitantes de um município. Como o IBGE espera enfrentar possíveis problemas que possam surgir nos municípios cujos números surpreendam negativamente as autoridades locais?*

Marco Antônio - É importante esclarecer que eventuais diferenças para menor no número da população de um município qualquer podem ou não causar perda na cota, a qual é definida pelo Tribunal de Contas da União. A obrigação do IBGE é informar as estimativas de população. Consideramos que o papel das CCMs é fundamental nesta questão. À medida que os representantes acompanham de perto e com transparência a evolução da coleta e os resultados do Censo, a gente entende que as reclamações de eventuais perdas de população não vão acabar, mas podem diminuir em relação a censos anteriores. Havendo reclamações, a gente vai se preparar para mostrar tecnicamente as razões de a população de um determinado município ter ficado com o número apresentado pelo IBGE.

Vou te contar - *Quando serão divulgados os resultados do Censo?*

Marco Antônio - Pretendemos divulgar os resultados preliminares



Foto: Octales Gonzales

(população por sexo e situação de domicílio) até dezembro deste ano ao nível de município. Até agosto do ano que vem, estão previstos os resultados do universo: conjunto dos domicílios que preencheram o questionário básico somado ao conjunto dos que preencheram o questionário da amostra. Destes dois, extraímos só o conteúdo com as respostas referentes às perguntas que aparecem no questionário básico. Deste modo, teremos o conjunto universo, ou seja, o conjunto com a parcela das perguntas do Censo que foram respondidas por toda a população. Em 2001, está prevista a divulgação da sinopse preliminar e, ao longo de 2002 e 2003, vamos começar a divulgar os resultados da amostra em temas. Ressaltamos que sempre iremos preservar o sigilo das informações e a não identificação dos entrevistados, seja qual for o nível de desagregação da informação geográfica. Pelos mecanismos que existem hoje, de acesso a microdados, ou melhor, de disseminação e popularização do uso da microinformática, é possível trabalhar com arquivos de microdados e eventualmente pode-se até chegar ao nível de setor censitário.

Vou te contar - *E como será feita a divulgação desses resultados?*

Marco Antônio - O IBGE ainda está definindo qual a estratégia de disseminação e divulgação. Podemos adiantar que haverá acesso a microdados sempre com a preocupação de se garantir o sigilo. É importante ressaltar que os níveis de desagregação começam a ficar flexibilizados em relação à capacidade de utilização do dado pelo próprio usuário. À medida que ele tiver condições de processar arquivos de maior volume, ele vai descer a níveis diferentes daqueles que normalmente se fazia quando você se limitava à divul-

gação dos resultados em volume impresso. Quando muito se conseguia chegar até o distrito e mesmo assim nem todas as tabelas estavam acessíveis. Agora com a facilidade do microprocessamento, ganha-se uma nova dimensão. No Censo de 1991, os resultados já estavam disponíveis em microdados, mas a procura era menor. Somente institutos de pesquisa e pesquisadores acostumados a trabalhar com esses arquivos procuravam e ainda procuram desde aquela época. O público geral ficava mais limitado ao dado impresso. Além disso, a página do IBGE na *internet* hoje oferece um impressionante conjunto de informações, não só sobre o Censo como sobre outras pesquisas, consolidando-se como outro veículo que vai facilitar muito o acesso ao dado em diversos níveis de desagregação da informação.

“As pessoas que vivem em domicílios improvisados, como embaixo de viadutos, por exemplo, serão recenseadas.”

Vou te contar - *Em que consiste o Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta do Censo 2000 - o SIGC?*

Marco Antônio - O sistema, instalado nos postos de coleta do IBGE informatizados, serve para gerar indicadores que permitem acompanhar o andamento da coleta, ter sinalizações sobre setores que podem estar com problema de cobertura e gerar todos os arquivos para o pagamento dos recenseadores. Além disto, os resultados preliminares e a sinopse preliminar do Censo serão gerados pelo sistema, sendo o arquivo de referência para trabalharmos a entrada de dados do Censo através dos *scanners*.

Vou te contar - *De que forma o sistema funciona?*

Marco Antonio - O recenseador entrega ao supervisor o trabalho realizado no período estabelecido para dar retorno ao posto de coleta. O supervisor, então, deve preencher planilhas com informações sobre o número de pessoas recenseadas naquela semana por tipo de questionário. As planilhas são transcritas para um documento a ser entregue a algum operador que digita as informações para dentro do SIGC, fazendo a compatibilização.

Vou te contar - *Alguns grupos da sociedade levantaram uma polêmica sobre o quesito “sexo” no questionário, considerando que o Censo não contempla os homossexuais ao oferecer apenas as opções “feminino” e “masculino”. O senhor concorda?*

Marco Antônio - Há duas questões bem distintas neste caso. A primeira seria uma demanda por incluir nos questionários do Censo uma pergunta sobre orientação sexual. E a direção do IBGE já emitiu uma nota esclarecendo que se trata de um assunto muito individualizado, que requer que a entrevista seja feita pessoa a pessoa, tornando a pesquisa inviável operacionalmente dada a dimensão do país e o tamanho da população. Além do mais, talvez não fosse uma única pergunta que poderia esclarecer ou dar luz à questão da orientação sexual. Antes de se pensar em incluir uma pergunta desse tipo num questionário do Censo, ela necessariamente precisaria passar por testes. Trata-se de uma questão de foro íntimo e que precisa de um tratamento diferenciado como, por exemplo, entrevistar as pessoas isoladamente e isto nunca acontece quando o recenseador faz entrevista para o Censo. Outro aspecto é a declaração de pessoas do mesmo sexo que vivem uma união conjugal num domicílio recenseado pelo Censo. Não existe ne-

numa orientação do IBGE no sentido de que as pessoas não possam fazer esta declaração ou que esta situação não possa ser registrada no questionário. Se um casal homossexual, residindo no mesmo domicílio, for encontrado e declarar essa situação ao recenseador, ele vai registrá-la no questionário.

Vou te contar - *Considerando-se a hipótese de que haverá casos de pessoas que não foram recenseadas após a fase de coleta, de que modo o não recenseamento das mesmas no Censo 2000 poderá influenciar os resultados da pesquisa censitária?*

Marco Antônio - Estamos com um conjunto de mecanismos de acompanhamento da coleta para minimizar os casos de omissão de domicílios e pessoas. Temos um processo de acompanhamento da coleta com os setores ainda em andamento através do sistema de indicadores gerenciais da coleta que sinalizam eventuais setores onde pode estar ocorrendo um problema de cobertura. Para cada setor encerrado, o mesmo sistema submete os resultados daquele setor, em termos de cobertura, a oito parâmetros que avaliam a proporção de domicílios ocupados, fechados, vagos e de uso ocasional e proporção de homens e mulheres em relação ao total. Este sistema também submete os resultados a uma série de outros indicadores que nos permite avaliar se o setor está dentro da expectativa em relação ao histórico da área e sinalizar para algum problema que possa estar ocorrendo. Desta forma, antes dos resultados serem apurados, poderemos corrigir se houver omissão. Além disso, há um plano de supervisão para ser executado pelos supervisores os quais devem percorrer trechos de setor (feitos pelos recenseadores) por amostras. Eles devem verificar se houve omissão de domicílios e pessoas. Em qual-

quer operação censitária do mundo todo, trabalha-se com uma taxa de omissão de população que é geralmente uma taxa pequena que não afeta a interpretação dos resultados. A possibilidade de se ter um resultado distorcido por omissão só existe se houver um nível de omissão muito alto e estamos preparados para evitá-lo. Para finalizar, no encerramento da coleta no município, as CCMs serão informadas sobre os resultados, permitindo uma avaliação antes dos dados serem apurados, caso haja falhas. Então, temos várias etapas de acompanhamento e avaliação do trabalho até chegarmos ao resultado divulgado. Isso significa dizer que a nossa expectativa de omissão é muito pequena.

“Sob o ponto de vista da violência, não tivemos relato de alguma situação na qual as pessoas tenham se recusado a receber o recenseador.”

Vou te contar - *Em relação à população de rua, de que modo foi planejado o recenseamento?*

Marco Antônio - A questão da população de rua tem que ser vista com cuidado, pois há que se distinguir as pessoas que vivem nas ruas e as que passam uma parte do seu tempo na rua, mas que possuem um local de moradia. Outra questão que é importante esclarecer é que as pessoas que vivem em domicílios improvisados, mesmo que em locais inadequados, como embaixo do viaduto, por exemplo, serão recenseadas. Portanto, a parcela da população que eventualmente vai deixar de ser recenseada é aquela que além de ficar na rua, não tem um local habitual de moradia que possa ser caracterizado como domicílio improvisado. Acreditamos ser esta a menor parcela. Até por-

que é muito difícil recensear as pessoas que não dispõem de um domicílio improvisado, operacionalmente falando, pelo fato de se movimentarem com muita facilidade. Ao tentar contar essa parcela da população, corre-se o risco de ser duplicada porque hoje ela pode ser recenseada num setor e amanhã em outro.

Vou te contar - *Sabe-se que a violência é um fator negativo para receptividade da população aos recenseadores que trabalham no Censo 2000. O Sr. acha que a população tem se mostrado receptiva à pesquisa censitária ou estratégias foram criadas para que haja receptividade do público?*

Marco Antônio - Sobre o ponto de vista da violência, não tivemos, até agora, relato de alguma situação na qual as pessoas tenham se recusado a receber o recenseador até porque se trata de um fenômeno característico das grandes cidades. Preparando-se para isto, o IBGE tomou uma série de medidas. Por exemplo, nos condomínios de classe média e classe média alta, onde existe uma dificuldade em se fazer contato com moradores, os recenseadores são orientados a procurar o síndico que recebeu, das unidades regionais do IBGE, um documento onde está impressa a foto do recenseador que vai trabalhar no condomínio. Há também o Disque-Censo, 0800 218181, que o IBGE colocou à disposição da população para qualquer dúvida em relação à identidade da pessoa que bate à porta, dizendo-se ser recenseador do IBGE, ou outro aspecto da coleta. Além disto, uma das estratégias foi tentar alocar as áreas de trabalho dos recenseadores próximas às suas residências, principalmente nas regiões mais expostas a algum conflito. Desta forma, se facilita o trabalho de pesquisa, pois as pessoas recenseadas geralmente conhecem o recenseador que é da região.

Este conjunto de medidas tomadas estão desaguando em poucos casos de recusa em prestar informação para o Censo. E mesmo nos casos já ocorridos, o supervisor ou o agente censitário municipal intervêm e procura fazer contato com os eventuais moradores que se recusaram a prestar informação por medo ou insegurança. Dificuldades existem, mas a gente está conseguindo superá-las. Até agora não nos deparamos com nenhum caso intransponível.

“Eu diria que 90% dos questionários do Censo de 91 são iguais aos do Censo 2000, mas com a inclusão de algumas perguntas e formato de desenho diferenciados.”

Vou te contar - *Em quais estados o senhor esteve presente no lançamento do Censo 2000? Que impressão teve em relação à mobilização destes estados para esse evento?*

Marco Antônio - Eu estive em Goiás, Piauí e Tocantins e a impressão nos três estados foi ótima. A cobertura da imprensa foi excelente e permitiu que o IBGE divulgasse o Censo na época do seu lançamento. Do ponto de vista do impacto junto à população, associou-se o lançamento do Censo ao início da campanha publicitária e a impressão unânime é de que o lançamento foi muito bom. Temos que ressaltar o trabalho bem feito das chefias dos Departamentos Regionais (DEREs) e das Divisões de Pesquisa (DIPEQs), que criaram todas as condições para que a gente, ao chegar às capitais, tivesse a possibilidade de divulgar o Censo.

Vou te contar - *Comparando-se os questionários do Censo 1991 e do Censo 2000, houve muitas modificações nos quesitos inves-*

tigados? Se houve, quais foram e o que determinou tais mudanças?

Marco Antônio - Eu diria que 90% do conteúdo dos questionários do Censo 91 é igual aos questionários do Censo 2000, mas com a inclusão de algumas perguntas e formato e desenho diferenciados, por conta do processo de entrada de dados que será por scanner. A maioria das modificações são de forma e não de conteúdo. No questionário da amostra, por exemplo, há alguns quesitos novos. Na parte de características de habitação, introduzimos perguntas sobre a existência de novos bens no domicílio, os quais ganharam uma dimensão maior por parte da população preocupada em adquiri-los, como por exemplo, número de aparelhos de ar condicionado, forno de microondas e microcomputador, entre outros. Na parte de educação, do questionário da amostra, também houve modificações, uma de conteúdo e outra da população abrangida. Até 1991, os quesitos de educação eram aplicados à população que tivesse 5 anos ou mais de idade. E no Censo 2000, estamos abrangendo toda a população, contemplando inclusive a frequência à creche. Seja qual for a idade da pessoa, ela responde aos quesitos de educação. Quanto ao acréscimo, introduzimos a pergunta sobre qual a rede de ensino frequentada - pública ou particular. Na parte de migração, foi incluída uma pergunta que fez parte dos questionários da amostra do Censo de 1980. Quer saber qual é o município em que a pessoa trabalha e estuda, caso ela trabalhe ou estude em outro município que não é o que ela reside. Na parte de nupcialidade, não só perguntamos estado conjugal como estado civil. E, finalizando, incluímos perguntas destinadas às pessoas portadoras de deficiência. Interessava saber se a pessoa é portadora de cegueira total ou parcial, surdez total ou parcial

e deficiência mental total ou parcial. Além de investigar se a pessoa é portadora da deficiência completa, também interessa saber se é portadora de alguma tipo de incapacidade com graus diferentes.

Vou te contar - *Somente o questionário da amostra - e não o básico - aborda questões relativas às pessoas portadoras de deficiência. No caso de um domicílio onde mora um portador de deficiência ser contemplado com o questionário básico, dados sobre este portador não seriam apurados. Como considerar então que a pesquisa será fidedigna?*

Marco Antônio - A técnica estatística de amostragem probabilística garante que se possa investigar uma determinada característica numa pesquisa qualquer - independente de ser Censo ou não - por amostra, sendo esta amostra representativa do conjunto. É possível reproduzir resultados representativos para o conjunto. Tais resultados estão associados à precisão e o IBGE tem absoluto controle, medindo a precisão das estimativas que ele fornece através dos questionários do Censo e divulga a precisão associada à cada estimativa. Desde 1960, o IBGE aplica um conjunto de temas e perguntas no Censo por amostra. Não temos notícia de outra pesquisa de âmbito nacional que tenha uma amostra representativa de todo o conjunto da população como a que o Censo usa, inclusive pensando-se na divulgação de resultados em níveis geográficos menores que as unidades da federação, chegando ao nível dos grupos de municípios, municípios e até áreas menores que municípios. É importante que as pessoas entendam que ao aplicar-se o questionário da amostra não significa dizer que os resultados do Censo só serão representativos daqueles domicílios que o responderam. Pelo contrário, são representativos do conjunto da população.

SDDIs: compartilhando experiências



A revista *You te Contar* procurou conhecer as experiências vividas pelos Setores de Documentação e Disseminação de Informações (SDDIs) de outros estados, em relação à divulgação e às estratégias de marketing utilizadas para o Censo 2000 e, para tanto, enviou perguntas para as chefias do Mato Grosso e do Rio Grande do Norte. Como se poderá perceber, a diferença de lugar fez diferir, logicamente, os graus de dificuldade ou facilidade nas ações desenvolvidas pelos dois setores. O mais importante, porém, é notar o crescimento que tanto um quanto outro sentiram na capacidade de realizações, por conta da liberdade de atuação para “viabilizar gratuitamente a divulgação” no próprio estado, como ressaltou Maria do Carmo Silva Sigarini, chefe do SDDI de Mato Grosso. Ou como destacou o assistente da chefia do Rio Grande do Norte, Ivanilton Passos de Oliveira, quando disse que no mundo de hoje, “os detentores de informações serão os mais privilegiados”. Vejamos, então, as outras considerações de nossos dois entrevistados.

Vou te contar - *Quais as estratégias e ações que sua unidade conseguiu viabilizar gratuitamente para a divulgação do Censo 2000?*

Maria do Carmo - Veiculamos mensagens nas contas de luz e água do estado, em jornais e rádios internas, folhetos de missas dominicais, entre outros.

Ivanilton - Conseguimos divulgar a fita “betacam” com os comerciais de TV do Censo 2000, nas principais emissoras de TV (Ponta Negra-SBT, e TVU-Universidade), além da Cabugi-Globo (contratada). Divulgamos *spots* para rádio nas principais emissoras AM e FM do estado e da capital (FM Nordeste-98,9, Rádio 104,7 FM, Radio Cabugi, Cidade FM-94,3, Nordeste Evangélica-102,39, Rádio 96 FM-Reis Magos, Rádio Poti e Rural). Colocamos *banners* e cartazes nos três shopping centers existentes (Natal Shopping, Via Direta e Praia Shopping).

Entrevistas sobre o Censo 2000 nos canais de televisão e rádio, inclusive com as principais personalidades do estado. Além de frases sobre o Censo na contas de água, luz, telefone e nos extratos de conta corrente dos clientes do Banco do Brasil. Conseguimos ainda que o Banco do Brasil, a Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Potiguar, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Receita Federal, Secretaria de Educação do Estado e Município, Secretaria de Saúde, Ministério do Trabalho e principais redes de supermercado distribuísem cartazes para suas unidades neste estado.

Vou te contar - *De que forma foi feito o contato com os apoiadores do Censo 2000?*

Maria do Carmo - Fizemos contatos por telefone e, depois, pessoalmente, através de ofício.

Ivanilton - O contato com os apoiadores foi feito pessoalmente com a direção das empresas e instituições colaboradoras.

Vou te contar - *Houve receptividade imediata dos parceiros contactados para colaborar com a divulgação do Censo 2000?*

Maria do Carmo - A receptividade não foi de imediato, foi preciso fazer vários contatos.

Ivanilton - Houve uma boa receptividade dos parceiros contactados para colaborar com o Censo 2000, principalmente pelo bom relacionamento da nossa instituição, tanto no setor público quanto no privado, cuja colaboração foi feita dentro do padrão de viabilidade econômico-financeira permitida na atual conjuntura econômica globalizada.

Vou te contar - *Que tipo de empresas/instituições se interessaram em colaborar?*

Maria do Carmo - Empresas como Banco do Brasil, Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), Universidade Federal de Mato Grosso, igrejas, Secretaria de Estado de Fazenda, escolas e comércio em geral.

Ivanilton - As empresas e instituições que se interessaram em colaborar foram: no setor público, as repartições públicas e estatais (Banco do Brasil e a Empresa dos Correios e Telégrafos) e no setor privado: área do comércio, shopping centers, centros comerciais, hipermer-

cados, supermercados e drogarias. Na área de transporte, a Empresa de Transportes Urbanos da Capital se interessou. E no setor de serviços, por sua vez, restaurantes e praça de alimentação dos shopping centers e emissoras de televisão e rádio.

Vou te contar - *Além da ampliação da divulgação do Censo 2000, que outro ponto positivo esta troca de experiências com os parceiros trouxe para os SDDIs e, conseqüentemente, para o IBGE?*

Maria do Carmo - foi muito boa essa troca de experiências, pois tivemos uma ação mais presente nessa verdadeira maratona de diagnóstico e idéias, onde cada estado tem a liberdade de conseguir viabilizar gratuitamente a divulgação do Censo 2000.

Ivanilton - na divulgação do Censo 2000, o SDDI procurou empresas e instituições que possuísem um “efeito multiplicador” representativo para a sociedade da nossa região. Nesta troca de experiências, tivemos vários fatores positivos, tais como: conseguimos novas parcerias e ampliar nosso público alvo. Incrementamos as vendas dos produtos e serviços, bem como a disseminação de informações da nossa instituição. Outro fator positivo foi o aperfeiçoamento da nossa capacidade de desenvolver tarefas “bem sucedidas”, sem os recursos financeiros, materiais e humanos necessários. E o mais importante para o IBGE é a sua consolidação como órgão técnico-científico imprescindível para a sociedade globalizada do novo milênio, cujos detentores de informações serão os mais privilegiados.

Alô, alô

Alô, alô

Alô, alô

Alô, alô

Alô, alô

Alô, alô

“O IBGE agradece sua ligação”

Esta frase é repetida, em média, 1.500 vezes por dia pelas 45 atendentes do Disque-Censo, contratadas para responder às dúvidas ou possíveis esclarecimentos relativos ao recenseamento, que vem sendo feito, pelo IBGE, desde 1º de agosto no Brasil inteiro. No início, chegaram a ser atendidos em torno de 5.000 telefonemas diários. O atendimento, que começou a funcionar juntamente com o Censo, opera de 2ª a 2ª, das 7h às 22h e tem, nos finais de semana, seu período mais aliviado, quando a média cai para 500 ligações diárias.

As atendentes do Disque-Censo foram selecionadas por uma empresa que exigiu o perfil básico para um *Call Center*: ter boa dicção, boa audição e 2º grau completo. Elas receberam orientações quanto às respostas que deveriam ser dadas sobre o Censo, mas de acordo com Carlos Lessa, gerente de Atendimento do CDDI do IBGE, “o treinamento é todo dia, passo a passo e constante, dada a dinâmica desse tipo de trabalho”.

Ainda segundo Lessa, conforme novas perguntas dos usuários vão sendo formuladas, o próprio trabalho de atendimento vai melhorando, uma vez que a cada nova demanda, a equipe se reestrutura para poder informar com exatidão numa próxima chamada.

As perguntas mais frequentes de quem utiliza o Disque-Censo são, por ordem quantitativa, sobre a autenticidade do recenseador, sobre dúvidas de assinar à caneta o formulário que é preenchido a lápis, e para saber da obrigatoriedade de responder ao Censo. A porcentagem das ligações de pessoas que não querem responder ao questionário é de 7,5, contra



Para Leda, o serviço Disque-Censo só tem apresentado resultados positivos.

50% em relação à autenticidade do recenseador. Sobre assinatura à caneta chega a 10% do total.

Lessa faz questão de ressaltar o tempo de espera para o atendimento, que é de 15 segundos, ou seja, “dentro dos melhores padrões”. Já houve, naturalmente, picos de espera, até com o abandono do usuário, mas quando aconteceram, geralmente foi por conta do grande número de ligações no mesmo horário. Ele conta que no dia 25 de agosto, por exemplo, no horário das 14h às 15h, ocorreram “1.750 telefonemas, o que representa 16 ligações simultaneamente”.

Trotes também ocorrem. Nestes casos, de reclamações infundadas, as atendentes são orientadas a descartar a ligação no prazo máximo de um minuto. Leda Niemeyer, coordenadora do atendimento do Disque-Censo, acrescenta que casos delicados - não caracterizados como trote - são devidamente registrados e encaminhados para os DEREs - Departamentos Regionais ou DIPEQs - Divisões de Pesquisa.

É bom destacarmos que o Disque-Censo, na verdade, está inserido no serviço do 0800 do IBGE, que existe desde 1990 e responde sobre dados estatísticos a um público formado basicamente por bancos, empresas de consultoria, estudantes em geral e escritórios de contabilidade e advocacia. Segundo Leda, com a criação do *site* do IBGE, em agosto de 95, as ligações em busca dessas informações diminuíram, já que boa parte dos usuários agora acessa os dados de que necessitam diretamente pela internet (<http://www.ibge.gov.br>) e, quando ligam, é para saber onde determinada informação pode ser encontrada no *site*.

Outras informações que também são respondidas pelo



Arquivo pessoal

Lessa considera o 0800 como o “grande ouvido” do IBGE.

0800-218181 dizem respeito a concurso público aberto pelo IBGE e também ao Projeto “Vamos Contar!”, que vai levar material didático, produzido pelo IBGE, a cerca de 200 mil escolas de ensino fundamental e de ensino médio da rede pública e particular em todo país. Seu objetivo é mostrar o quanto as informações obtidas com a realização do Censo são fortes instrumentos para o exercício da cidadania. E, para isto, apresenta propostas de orientações de atividades para ajudar o professor no ensino do uso de mapas e na interpretação de dados estatísticos. O Disque-Censo conta, também, com uma equipe de professores que fica à disposição para tirar qualquer tipo de dúvida sobre o material enviado e sobre a didática adotada.

“O 0800 é o grande ouvido do IBGE”, afirma Lessa, após esclarecer sobre todos os serviços

prestados por um telefone que tem seu número divulgado em todas as publicações do instituto e ainda nos crachás de todos os recenseadores. Diferentemente do Censo de 1991, no Censo 2000 há uma procura muito significativa por informações no Disque-Censo. Bom sinal. Sinal de que, aos poucos, o brasileiro foi aprendendo a exercitar sua cidadania.

Numa avaliação do serviço até agora, Leda Niemeyer acredita que o resultado está sendo positivo, “a julgar pelo número de ligações que recebe”. Lessa, por sua vez, diz que “o IBGE vem atendendo à proposta que era a de assegurar ao morador que a pessoa à sua porta era uma pessoa credenciada pelo IBGE”.

Quanto a problemas, “existem e existem alguns, mas nada que afete a qualidade do serviço e que vêm sendo acertados”, finaliza.

O Brasil, todos sabem, é um país de enorme extensão territorial. Não dizemos, aqui, nenhuma novidade. Alguns países no mundo apresentam 1/3 da área de um único estado brasileiro. E se, nestes, encontramos diversidade de culturas e crenças, imagine no nosso Brasil. Além do mais, os contrastes entre uma região e outra, em termos sociais, educacionais, políticos e econômicos é igualmente gritante. Daí se explicar que histórias contadas pelos recenseadores dos diversos Censos já realizados parecerem, muitas vezes, piada ou conto da carochinha.

Por isso é bom lembrar que ainda há lugares no Brasil, hoje,

que têm como única via de comunicação com o resto do mundo o rádio de pilha. E quando têm! Lugares ermos, afastados, com pessoas voltadas para um mundo rotineiro e de pouca informação, bem diferente dos conglomerados urbanos, entupidos de cabos, antenas, painéis eletrônicos, internets.

Na seção Registro, desta edição, procuramos pesquisar fatos que ocorreram nas décadas de 40 e 50, além de incluímos poesias e, quanta honra, uma crônica de Carlos Drummond de Andrade. Como todo bom cronista, faz um recorte tão verossímil do que pode acontecer no dia a dia de um recenseador, que ninguém nem

duvida, chega mesmo a se perguntar se o poeta não se baseou em algum episódio real, sem recorrer à sua imaginação.

Ao contrário da realidade, que muitas vezes se nos apresenta absurda, parecendo mais uma mentira, principalmente quando se trata de uma realidade distante da nossa (outra região, outra classe social etc), as crônicas costumam ter esse sabor de verdade verdadeira, comum.

Finalizando, registramos ainda alguns episódios ocorridos em Santa Catarina, durante o período de coleta do Censo 2000.

Histórias do Censo de 1940 a 1950

No Censo de 1940, o cartaz que dizia “O Censo é o retrato da Pátria” fez muita gente pensar que os recenseadores eram fotógrafos. Em Minas Gerais, por exemplo, na cidade de Pouso Alegre, um recenseador chegou numa casa e mostrou o seu crachá com foto. A dona da casa olhou o documento por um tempo... olhou e olhou e, suspirando, disse: “É, moço. O retrato sai muito bem tirado. Pena é nós não ter dinheiro pra gastá com esses luxo”.

No Maranhão, na década de 50, a história não foi muito diferente. Um folheto publicitário iniciava com a seguinte frase: “Retrato de corpo inteiro do Brasil”. Terminando com “Depende, portanto, do informante a fidelidade do retrato de corpo inteiro que o IBGE vai tirar de todo o Brasil de 1950”. Poucos dias depois, a delegacia censitária começou a rece-

ber inúmeras fotos de velhos, jovens e crianças de ambos os sexos. Todas de corpo inteiro, claro.

Dois episódios iguais foram registrados no Ceará e em Minas Gerais. Com medo do “recenseamento”, substituíram o nome dos filhos pelo seu correspondente feminino, ao responderem ao Censo. No caso do Ceará, João foi trocado por Joana, José por Josefa etc. Uma vez descoberta a fraude, foram perguntar à recenseada o porquê da mentira, ao que ela respondeu: “É porque assim o governo não chama eles para a guerra...” Em suma, confundiu recenseamento com “recrutamento”.

Nos períodos de recenseamento, a deficiência do sistema de Registro Civil do país, pelo menos no interiorzão, fica mais evidente. Por isso que na hora em que a pergunta é sobre data de nascimento, o recenseador se vê doido. Ele ouviu respostas do tipo “Nasci quando chegou aquelas galinhas do peçoço pelado”, ou “Nasceu naquele tempo daquela gripe matadeira”...

Pensando nisso e já sabendo de antemão que teria respostas desse tipo, um esperto recenseador de Pernambuco preparou, para uso próprio, o seguinte calendário:

Mês de Santana ----- julho
Mês de festa ----- dezembro
Ano do caroço (bulbônica) -- 1925
Ano da mandioca fofa --- 1898

Calendário que se estendia por páginas e páginas...

No interior de Goiás, um recenseador seguia o seu caminho a cavalo tranquilamente, após ter recenseado na véspera uma família residente em uma região afastada, quando, de repente, percebeu que o dono da casa que recenseara vinha correndo em seu encalço. Sem atinar o que poderia ser, parou a marcha e esperou o homem se aproximar. Este, demonstrando enorme cansaço e com os olhos inchados de chorar, disse: “Moço, eu vim aqui pra lhe avisá que o sinhô

pode arretirá o nome de minha muié da lista praquê ela morreu a noite passada...”

Moral da história: vai ter índole honesta assim lá no interior de Goiás, sô!

As cidades do Triângulo Mineiro foram as que mais se empenharam na divulgação do Censo de 1940. Cartazes coloridos cobriam os muros das cidades e não tendo mais muros, cartazes foram colados nas paredes de estabelecimentos comerciais, incluindo uma farmácia. Um rapaz que leu atentamente o cartaz na farmácia onde estava escrito “O Recenseamento faz bem a todos e não prejudica a ninguém”, coçou a cabeça, se dirigiu ao balconista e perguntou: “Seu Juca, é muito caro um vidro desse tal de recenseamento?”

Um recenseador do interior de Minas Gerais encontrou uma criança com o nome de ABC e resolveu alertar a mãe para os problemas que o nome extravagante poderiam ocasionar.

- Mas ABC, minha senhora? Isso não é nome! Convém que

a senhora o mude enquanto é tempo.

- Escute aqui moço - retrucou a mãe - nesse negócio de governo eu sei que não pode haver proteção. Mas o senhor reclama do nome do meu filho e não reclamou nada no caso igual ao dele.

- Isso não é verdade, minha senhora - respondeu.

- Ué, então porque você não disse nada pra aquela moça bonita que se chama AID (Haydeé) que mora aqui ao lado?

Um recenseador de Santa Catarina estranhou que em um dos questionários aparecesse registrado o nome de um indivíduo que se dizia “professor”. Mas na linha correspondente ao grau de instrução, estava escrito “analfabeto”. Ao esclarecer o episódio, o recenseador descobriu que a resposta estava certa, mas o recenseado não acrescentou que era “professor de cavalos”, título dado em certas zonas do Estado aos amansadores de cavalos.

Caso de recenseamento

Crônica de Carlos Drummond de Andrade

O agente do recenseamento vai bater numa casa de subúrbio longínquo, aonde nunca chegam as notícias.

- Não quero comprar nada.

- Eu não vim vender, minha senhora. Estou fazendo o censo da população e lhe peço o favor de me ajudar.

- Ah moço, não estou em condições de ajudar ninguém. Tomara eu que Deus me ajude. Com licença, sim?

E fecha-lhe a porta.

Ele bate de novo.

- O senhor, outra vez? Não lhe disse que não adianta me pedir auxílio?

- A senhora não me entendeu bem, desculpe. Desejo que me auxilie mas é a encher este papel. Não vai pagar nada, não vou lhe tomar nada. Basta responder a umas perguntinhas.

- Não vou responder a perguntinha nenhuma, estou muito ocupada, até logo !

A porta é fechada de novo, de novo o agente obstinado tenta restabelecer o diálogo.

- Sabe de uma coisa? Dê o fora depressa antes que eu chame meu marido!

- Chame sim, minha senhora, eu me explico com ele.

(Só Deus sabe o que irá acontecer. Mas o rapaz tem uma idéia na cabeça: é preciso preencher o questionário, é preciso preencher o questionário, é preciso preencher o questionário).

Flagrante do recenseamento de 1940.





Arquivo IBGE

Pedindo colaboração da população para o recenseamento de 1950.

- Que é que há? - pergunta o marido, sonolento, descalço e sem camisa, puxado pela mulher.

- É esse camelô aí que não quer deixar a gente sossegada!

- Não sou camelô, meu amigo, sou agente do Censo...

- Agente coisa nenhuma... Eles inventam uma besteira qualquer, depois empurram a mercadoria! A gente não pode comprar mais nada este mês, Ediraldo!

O marido faz-lhe um gesto para calar-se, enquanto ele estuda o rapaz, suas intenções. O agente explica-lhe tudo com calma, convence-o de que não é nem camelô, nem policial, nem cobrador de impostos, nem enviado de Tenório Cavalcanti. A idéia de recenseamento, pouco a pouco, vai-se instalando naquela casa, naquele espírito. Não custa atender ao rapaz, que é bonzinho e respeitoso. E como não há despesa nem ameaça de despesa ou incômodo de qualquer ordem, começa a informar, obscuramente orgulhoso de ser objeto - pela primeira vez na vida - da curiosidade do governo.

- O senhor tem filhos, seu Ediraldo?

- Tenho três, sim senhor.

- Pode me dizer a graça deles, por obséquio? Com a idade de cada um?

- Pois não. Tenho o Jorge Independente, de 14 anos; o Miguel Urubatã, de 10. E a Pipoca, de 4.

- Muito bem, me deixe tomar nota. Jorge...Urubatã. E a Pipoca, como é mesmo o nome dela?

- Nós chamamos ela de Pipoca porque é doida por pipoca.

- Se pudesse me dizer como é que ela foi registrada...

- Isso eu não sei, não me lembro.

E voltando-se para a cozinha:

- Mulher, sabes o nome da Pipoca?

A mulher aparece, confusa.

- Assim de cabeça eu não guardei. Procura o papel na gaveta.

Retiram a gaveta, não acham a certidão de registro civil.

- Só perguntando à madrinha dela, que foi quem inventou o nome. Pra nós ela é Pipoca, tá bom?

- Pois, então fica se chamando Pipoca, decide o agente. Muito obrigado, seu Ediraldo, muito obrigado, minha senhora, disponham.

Censo 2000

Chegou o Recenseamento

Para contar a população

Responda corretamente

Dê uma boa informação

O recenseador pergunta

Com muita educação.

Anote o nome e a idade

E sua filiação

Se trabalha não trabalha

E qual é a sua profissão

Se tem emprego, moradia

E alfabetização.

Estamos todos empenhados

Com a nossa população

Há mais de 50 anos

O IBGE tem tradição

Registrando os costumes

Dando boa informação

Muita gente trabalhando

Para o Censo 2000

Na cidade e no campo

Deste país varonil

Contando a população

Desse imenso Brasil.

Tudo através da Internet

Interligado no Brasil

Fazendo o recenseamento

Em pleno ano 2000

Nas estradas e nas aldeias

E nas florestas do Brasil.

Autor: **Delmar da Costa Coelho**

DIPEQ/Acre

IBGE - Standard: parceria que deu certo



Fotos: Octales Gonzales

Para Vivian, um profissional de atendimento deve ter jogo de cintura para driblar as tensões entre cliente e agência.

Na campanha publicitária do Censo, a diretora de Atendimento da Standard, Ogilvy & Mather, agência de publicidade que ganhou a licitação, Vivian Zimetbaum Ferraz, de 36 anos, foi uma espécie de mensageiro incansável entre a agência e o IBGE. Não que instituto e agência não se entendessem, nada disso, mas por conta mesmo de sua função. Ela própria define o trabalho que exerce como o de ser um pára-raio ou, melhor, uma esponja: “um problema constante no trabalho de atendimento é ter muito para fazer, com pouco tempo para

realizar, sem deixar a peteca cair, quer dizer, manter a calma e servir de esponja, absorvendo os problemas de ambos os lados, não passando tensão nem para a equipe que trabalha na agência nem para o cliente que atende, entregando o que precisa no tempo que precisa”.

Em outras palavras, para um profissional de atendimento, jogo de cintura é fundamental para driblar as tensões que costumam surgir entre os desejos do cliente é o que é possível ser feito em termos de criação. “Um profissional de prestação de serviço tem que, acima de tudo, ouvir o cliente” - continua - “quando você ouve, tem mais da metade do caminho andado e ainda consegue tirar da sua equipe o máximo. Essa escuta é para fazer o seu cliente chegar lá, no topo. Tentar vender sua idéia é bobagem. O mais importante é saber o que eles

querem, mas identificando o que realmente precisam. Não pode ser assim, aceitando tudo, muito menos impondo, ou seja, nem na linha do *tá aqui o que você pediu nem do tem que ser como eu quero*”. Aliás, para o bom profissional, “não importa o tamanho da verba, nem do cliente, se um problema aparecer, não tem tamanho, tem é que dar solução, resolver”, conclui.

Por isso, para Vivian, a oportunidade de trabalhar com o IBGE se mostrou uma experiência gratificante. “Fiquei superfeliz com o projeto e com o cliente, porque

Newton aponta o espírito de equipe, unindo mídia e criação, como fundamental para a elaboração da campanha.



tudo fluiu muito bem, de forma natural, formamos um time, viajando, virando noite...” Segundo ela, trabalhar com uma empresa pública foi uma grata surpresa, porque tirou dela aquela imagem ruim que ela tinha do setor público. “Por causa da mídia e de alguns casos que a gente ouve por aí, eu imaginava que seria totalmente diferente, mas, no caso específico do IBGE, encontrei seriedade, pessoas simples e dedicadas. Me surpreendi principalmente com a organização, bem mais do que eu percebo nas empresas privadas”. Essa visão nova de um órgão do governo lhe deu, assim, certo orgulho de ser brasileira, transformando-a numa advogada de defesa, quando alguém fala mal. “Eu grito logo: não generaliza!”

Ao ser indagada sobre o que aprendeu de novo com o IBGE, deixou claro que ver de perto o que o instituto faz, foi bom para

ela como cidadã. Ao conhecer o serviço, se deu conta da importância do Censo, mudando sua atitude em relação ao recenseador, por exemplo, que, ao chegar a sua casa, foi bem melhor recebido desta vez do que nas vezes anteriores. “Lá em casa, quando o Censo chegou, foi uma festa, recebemos o recenseador com alegria, com prazer de participar do Censo”. É uma mudança e tanta, sem dúvida. Não é mais, como ela disse, aquela coisa de achar que o Censo é só contar o Brasil, mas de ter consciência da importância dos dados colhidos e o que é feito com eles.

Ficou tão entusiasmada com o IBGE, que os outros clientes - disse ela - ficaram enciumados. “Mas é que durante um mês e meio, na fase de produção, me dediquei totalmente. E estou com pena que acabou. Apesar da pauleira, foi muito bacana. Em outras experiências, mesmo

sendo legal, com resultado positivo, se for para começar de novo, eu digo: *ai, meu, Deus, não!* Já com o IBGE, se tiver de novo, eu digo: *oba!*”.

Por que deu certo? Newton responde

O diretor de Mídia da Standard, Ogilvy & Mather, Newton Crespo, 50 anos, nos conta como foi o trabalho da agência com a conta IBGE e também nos fala de sua visão sobre o funcionamento dos meios escolhidos para a campanha do Censo 2000. Não sem antes ressaltar de que forma o processo criativo se desenvolve na agência. Segundo ele, “a mídia participa ativamente do pensamento estratégico da criação, numa ação automática e simultânea, porque há conversa

e respeito mútuo. Pensamos juntos, com espírito de equipe. Aqui na Ogilvy é impossível acontecer de a mídia estar pensando em *spot* de um minuto, por exemplo, no caso do rádio, e a criação aparecer com proposta de 30 segundos. Isto, aqui, não rola”.

Na campanha do Censo, a primeira mídia que me veio à cabeça foi a televisão. “E por que televisão? Porque o Censo tinha que atingir o povo e essa mídia atinge a população mais rápido, por conta de sua maior cobertura, sem falar que tem o melhor custo/benefício”. Ele explica que se você pensa no custo total, parece alto, quer dizer, comparando 100 mil dólares para anunciar no Jornal Nacional com 700 reais em um *spot* de 30 segundos em rádio, parece mais lógico optar pelo rádio, mas que, nesses casos de grandes campanhas, deve-se pensar no custo relativo, porque o noticiário citado fala com milhares de pessoas.

“A TV, na maioria das vezes, é imprescindível, quando você quer falar com a massa. Sua cobertura atinge de 97% a 98%, enquanto a de revista e jornal chega a mais ou menos 54% ou 55%, por aí”. Tudo isto, é claro, depende do objetivo mercadológico que se quer atingir. “Quando você quer sensibilizar um determinado segmento, formar uma marca, precisa, naturalmente, ser menos dispersivo. Nestes casos, 20 pessoas ouvirem seu anúncio todo dia é o suficiente”.

Crespo se mostra satisfeito com a campanha do Censo e diz

que o pessoal da agência foi muito feliz na comunicação, ao conseguir adequar a linguagem a cada mídia, além de sintetizar e ser bem objetivo. “Foi, de fato, uma campanha objetiva e completa. Objetiva, porque sintetizou, passou a mensagem e a emoção da importância do Censo e de se receber o recenseador. E completa porque transformou essa mensagem para cada veículo, ou seja, todos os meios foram utilizados, não perdendo a unidade da comunicação”. Não foi, como ele explicou, uma colcha de retalhos: no rádio, uma coisa, no *outdoor*, outra. Explorou um único tema, respeitando as características de cada veículo.

Ele continua analisando cada mídia, segundo sua importância: o rádio, como multiplicador de frequências. Na campanha do IBGE, foi usado mais para o público A/B (de pessoas qualificadas) e, longe das principais capitais, para chegar às comunidades, complementando toda a mensagem do IBGE.

A internet, por sua vez, tem como ponto a favor o fato de o usuário ir de encontro à mensagem. “Isso é muito válido. Ela foi usada para qualificar e reforçar na elite o pedido de se receber bem o recenseador”. Apesar de ser uma mídia ainda pouco explorada e não haver pesquisas suficientes sobre custo/benefício, “não é mais um novo meio, já está inserido nas estratégias”.

Outra ferramenta que vem se apresentando muito eficiente é o *busdoor*. “Sua eficiência é comprovada, com uma rápida

cobertura e a mais alta demanda atualmente”. No Censo, foi extremamente eficaz. Como foi, afinal, toda a campanha, principalmente por ter optado pela unidade temática, “fundamental para o sucesso da comunicação”, avalia Crespo.

O sucesso da dupla na opinião de Sérgio Amado

Derrubar o muro que separa a agência do cliente e em seu lugar, construir uma sólida parceria à base de interação, unidade de pensamento e objetivos comuns. Esta foi a filosofia de trabalho adotada pela Standard, Ogilvy & Mather no case “Censo 2000”. Em entrevista à *Vou te Contar*, Sérgio Amado, presidente da agência, explica por que a dupla IBGE-Standard deu certo e revela que o sucesso da campanha do Censo 2000 não foi por acaso.

Vou te contar - Fale um pouco da relação entre agência e cliente, tendo como exemplo a Standard, Ogilvy & Mather e o IBGE:

Sérgio - A nossa filosofia de relacionamento entre agência e cliente é como se não houvesse separação. Nós derrubamos o muro que divide a relação entre cliente e agência. Nós o tratamos como se fosse parte da agência e ele nos trata como se fizessemos parte dele. Isso promove uma integração que gera um resultado muito positivo, economizando energia e recursos. É como se fosse o mesmo grupo trabalhando sobre o mesmo objetivo. A interação que



Sérgio crê na filosofia de trabalho em que não há separação entre agência e cliente.

tivemos como IBGE foi perfeita: um único corpo, uma única cabeça, pensando em resolver o problema, em tirar o melhor resultado. O relacionamento deu certo. E como o IBGE não é um cliente antigo, essa integração foi feita num curto espaço de tempo por causa da capacidade gerencial do pessoal do IBGE e da qualidade do nosso pessoal também. Então, a equipe trabalhando junto a quatro mãos foi extremamente positivo. Além do mais, essa campanha do Censo é a mais bem avaliada pela área de comunicação do Governo Federal no Brasil nos últimos dois anos. Segundo eles, é uma campanha modelo e que repercutiu muito forte na sociedade.

Vou te contar
- *Como foi desenvolver uma campanha publicitária em nível nacional como a do Censo 2000, considerando-se a importância deste evento para o país?*

Sérgio - Nesse caso, tivemos dois problemas a resolver. O primeiro foi a escassez de recursos para mídia, ou seja, o valor investido na campanha para uma cobertura nacional de longa duração. Este foi o primeiro desafio: pouco investimento, pouco dinheiro para comprar mídia em

4 meses. E o que nós fizemos? Nós desenvolvemos uma criação altamente diferenciada do mercado, de modo que quando aparecesse, provocasse atenção e cumprisse o objetivo. E o segundo problema foi que deveríamos construir uma estratégia de mídia que visasse buscar a população brasileira no momento mais adequado, mais forte da audiência. Com poucos recursos, não podíamos espalhá-lo por quatro meses. Então, concentramos os recursos e conquistamos a cabeça do público, passando a mensagem que tínhamos que passar, com uma comunicação criativa e diferenciada.

Vou te contar - *Do “negócio” do Censo, propaganda é a alma? Ou é possível mobilizar a população para participar do recenseamento sem a ajuda da propaganda?*

Sérgio - Eu acho que a propaganda é fundamental porque comunica, mas o produto - Censo - é muito bom e é necessário. Quando o produto é bom e tem uma necessidade para o país, a população entende que tem que responder positivamente a esse tipo de questionamento. Na minha opinião, o Censo é uma instituição nacional e parte da vida de qualquer país. É importante para você descobrir que país você está construindo e para orientar os governantes a organizar os orçamentos e os investimentos em educação, saúde e saneamento. Em países altamente desenvolvidos como os Estados Unidos, o Censo é tratado como um produto que tem que ter começo, meio e fim. E o Brasil é exemplo de aplicação desta estrutura gigantesca, além de ser capaz de organizar uma operação estratégica como essa que cubra todo o território com sucesso e de radiografar o perfil dos brasileiros. Além do que, mobilizar sem a ajuda da propaganda é difícil. Ela é um estímulo para você promover a mobilização. Não dá para mobilizar uma nação, como aconteceu, por exemplo, com a campanha das Diretas, sem propaganda, sem comunicação. Você não mobiliza a população em torno de um campeonato mundial sem propaganda. O Censo é um produto que precisa mobilizar e ser anunciado e a propaganda é uma ferramenta para isso. Ela tem que fazer com que a população tenha orgulho e vontade de participar desse Censo como se fosse um membro ativo da sociedade. É um resgate de cidadania.

Parceiros da criatividade

O Censo não quer só saber quantos carros, televisões e crianças o Brasil tem. Quer saber de quantas estradas, energia e educação o Brasil precisa.

Com esta idéia na cabeça e uma câmera na mão, a dupla de criação, formada por Rubens Filho e Vitor Azambuja, bolou a campanha publicitária do Censo 2000.

Ao ler tudo sobre os Censos anteriores, inclusive as campanhas realizadas, a dupla sacou que o Censo tinha um problema a ser solucionado, de preferência, de forma criativa. “A gente procura entender o que o cliente quer comunicar e, a

partir daí, buscamos uma idéia que passe para o público de uma maneira alto-astral, divertida e com criatividade”, sugere Rubens.

Ao perceber que o Censo não é só contar pessoas, mas ser útil a elas e ao país, Rubens e Vitor descobriram o “x” do problema, ou seja, que o Censo era “a resposta para o futuro do Brasil”. “Todo mundo pensa que o Censo é só para contar o número de pessoas de um país. Mas a gente achou que o que tinha que ser comunicado era a utilidade do Censo para a população. O problema passou a ser explicar às pessoas a utilidade do Censo”, explica Rubens.



De forma criativa, a dupla Rubens e Vitor bolou a campanha com a idéia de que o Censo não é só contar pessoas.

Com o conceito definido, a dupla fez “tudo de forma criativa depois de várias reuniões para acertar detalhes como, por exemplo, escolher desde a janela onde aparece a moça de um dos filmes até o vestuário da Fernanda Montenegro”, completa Vitor. Mas até chegar ao produto final, sob a forma de anúncios em jornais e revistas, *spot* de rádio e comerciais de TV, Vitor e Rubens percorreram um longo caminho sem saber onde ia dar ao certo, considerando-se que a campanha foi escolhida através de licitação. “A concorrência é um tiro no escuro e se você não ganha, o trabalho vai para o brejo”, confessa Vitor.

“Todo mundo pensa que o Censo é só para contar o número de pessoas de um país.”

Rubens

Agência selecionada, campanha escolhida, a hora era de botar a mão na massa e adequar a idéia proposta ao que o cliente desejava. Combinando o *layout* e texto sugeridos pela dupla com pequenos detalhes propostos pela equipe do IBGE responsável por avaliar a campanha, chega-se a um denominador comum. E o resultado foi “um case que não deixou a gente de cabelo em pé, mas um processo gostoso de fazer”, admite Vitor. “O processo é

muito longo. Primeiro, a gente fez o que achávamos que seria o melhor. Então, mandamos a campanha para concorrer. Quando voltou aprovada, tínhamos só que acertar os ponteiros. Não houve modificação. A campanha que a gente propôs é a que está nas ruas”, comemora Rubens.

Acertar os ponteiros também na hora de definir o público-alvo, no caso do Censo, brasis dentro de um Brasil só. Para cada público, uma idéia sem fugir da idéia central. Assim, o “relógio” funciona. “Resolvemos que tínhamos que falar com todas as classes. Mas tínhamos problemas específicos como no anúncio com a Fernanda Montenegro que nasceu do problema específico que é falar com as camadas mais altas da população que não recebiam o recenseador. Já em outros filmes o Censo fala com o povão”, explica Rubens.

Além de ver e ouvir na TV e ler no rádio, jornais, revistas e *outdoors* exatamente as idéias outrora transcritas para o papel, o mais gratificante, segundo eles, foi o reconhecimento do público que não só sabe que o Censo vai bater a sua porta como sabe que ao responder ao questionário, pretende-se construir um Brasil melhor. Colhendo os frutos do sucesso, a dupla tem certeza de que conseguiu comunicar a proposta do Censo, sem se limitar a pedir à população para responder ao questionário. “O Censo era um problema grande, considerando-se que campanhas de Censos

anteriores até então nunca haviam dito para que ele realmente serve. A nossa maior recompensa foi ter conseguido explicar isso também”, revela Rubens.

“A campanha do Censo realmente funciona, pois as pessoas falam, comentam, o que para nós é muito gratificante.”

Vitor

Com a certeza do trabalho cumprido, a dupla revela ter suado a camisa para realizar a campanha e admite que além da inspiração, houve muita transpiração. “Geralmente, depois que vem a inspiração, tem muita transpiração. E quando a inspiração não vem, você tem que transpirar mais ainda. Não é sempre que você tem inspiração. A inspiração pode vir num primeiro momento mas depois é pura transpiração para acertar os ponteiros”, opina Rubens.

Satisfeita com o resultado, a dupla concluiu que hoje a maioria das pessoas sabe para que serve o Censo, o que ajudou muito se o assunto é abrir a porta ao recenseador. Rubens complementa que “isto é ir à raiz do problema, não permanecendo na superfície”. E Vitor garante: “a campanha do Censo realmente funciona, pois as pessoas falam, comentam, o que para nós é muito gratificante”.

De olho na coleta do Censo 2000

Se o Censo fosse igual a uma partida de futebol, o IBGE estaria terminando o primeiro tempo, ganhando de 2 a zero. Bola rolando, um time com aproximadamente 200 mil recenseadores está em campo, suando a camisa e correndo os 5.507 municípios distribuídos pelos 26 estados do Brasil e mais o Distrito Federal. Cada domicílio recenseado é um gol marcado.

Fim do primeiro tempo, a hora é descansar e avaliar os passes realizados, faltas marcadas e as boas jogadas. No segundo tempo, quem sabe, ganhar de virada. Assim avaliou Sérgio Besserman Vianna, presidente do instituto, ao discursar na abertura da I Reunião de Avaliação do Andamento da Coleta, sediada no Hotel Atlântico Copacabana (RJ), nos dias 25 e 26 de setembro. “Estamos terminando o segundo mês de coleta. E o Censo é uma grande partida de futebol para o país e para o IBGE também. E o que decide um esporte como o futebol é o grupo, porque erros vamos cometer sempre. O momento de comemorar os acertos será em breve”.

Como nos quinze minutos enquanto a bola não rola, a Reunião foi um intervalo na fase de coleta do Censo 2000 para se avaliar a quantas anda o trabalho de campo nos quatro cantos do país. Para Sérgio, “estamos ganhando de 2 a zero, prontos para entrar no segundo tempo. Como no futebol, temos um intervalo para refletir e ganhar o jogo no segundo tempo, podendo chegar ao final com 3 ou 4 a zero”.

Os jogadores de futebol do Censo 2000 - chefes de todas as DIPEQs - Divisões de Pesquisa e dos DEREs - Departamentos Regionais - que participaram do encontro, falaram sobre o que

Nuno alertou aos chefes que ficassem atentos aos casos de pessoas não recenseadas após a fase de coleta.



Fotos: Octales Gonzales

ajudou e atrapalhou o bom andamento do “jogo”, bem como ouviram atentamente as recomendações dos “técnicos do time” para aumentar o placar e assim garantir um bom resultado no final da partida.

O diretor-executivo do IBGE, Nuno Duarte Bittencourt, o coordenador técnico do Censo Demográfico, Marco Antonio Alexandre, e a coordenadora operacional dos Censos, Maria Wilma Salles Garcia, traçaram um panorama da coleta de dados no país a partir dos dados já processados no Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta (SIGC). Até o dia 23 de setembro, 100 milhões de brasileiros já haviam sido recenseados, estando concluídos 21% dos 215.738 setores censitários. Na opinião de Nuno, o número era baixo, representando uma “quantidade de setores com a coleta muito abaixo do esperado”.



André Luis (DIPEQ/AL) encontrou dificuldades de acesso na Zona da Mata Norte de Alagoas. Segundo André Luis, 12 municípios de Maceió terminaram a coleta com atraso.

Com base nos dados do SIGC, Marco Antonio apontou as regiões e os estados que estão mais adiantados e os mais atrasados na coleta. Até então, o Sul e o Sudeste reuniam o maior número de setores que já haviam

iniciado a coleta, ao contrário do Nordeste, Norte e Centro-oeste, cujos municípios tinham a previsão de ultrapassar o dia 31 de outubro - data limite para o encerramento desta fase. “A proporção de setores concluídos ainda é pequena nos estados do Norte, Centro-oeste e Nordeste e podemos notar que a maior parte dos setores está demorando mais de cinco semanas para ser coletada”.

O Amazonas foi um dos estados mais críticos, pois apresentou o maior número de setores que ainda não haviam iniciado a coleta. Segundo, César Serrato, chefe da DIPEQ/AM, um dos principais problemas foi a precariedade do sistema de transporte rodoviário na região. Ônibus circulando, só nas ruas da capital Manaus. Nas demais cidades, anda-se de barco, kombi, bicicleta ou a pé, o que dificultou a locomoção dos recenseadores. “Nós só devemos terminar a coleta nas áreas rurais no dia 10 de novembro, pois nossos recenseadores enfrentam problemas de transporte. Além disso, perdem muito tempo indo a Manaus buscar dinheiro e assim recensear as cidades do interior, considerando-se que não existem agências bancárias fora da capital”. Como solução para o problema, foi sugerido o pagamento de diárias aos recenseadores através de vale postal ou por intermédio de caixas volantes, cuja viabilidade deve ser consultada nos bancos do Estado.

Em meio às dificuldades, César não esquece, entretanto, o auxílio que recebeu dos donos das empresas de ônibus de Manaus que, por decisão unânime, liberaram os recenseadores de pagar passagem.

Outro estado considerado crítico era a Bahia com poucos setores concluídos. O número de setores não iniciados era muito alto e a região sofreu com a carência de pessoal. Foi necessário remanejar recenseadores dos poucos municípios que já haviam encerrado a fase de coleta.



Segundo Jussara, o tráfico de drogas atrapalhou a coleta em alguns municípios do Espírito Santo.

Em Roraima, o período de chuvas e a falta de transportes - comprometidos com os membros de partidos políticos - atrapalharam a coleta no estado. O chefe da DIPEQ/RR, Vicente de Paulo Joaquim, aponta mais três problemas que também atrasaram os trabalhos na região. “Em algumas malocas, os índios impediram a coleta, condicionando a prestação das informações à demarcação de suas áreas. O acesso de domicílios fechados também prejudicou a finalização de inúmeros setores. Além destes fatores, Roraima apresenta uma ocupação rarefeita o que obrigou os recenseadores a percorrerem longas distâncias de carro, a cavalo, a pé ou de barco para alcançar as residências.”

Vicente acrescentou as chuvas como mais um problema que poderia dificultar o cumprimento do prazo de 31 de outubro para o final da coleta. Mesmo problema enfrentou Pernambuco, especificamente nas regiões de Mata Sul e Agreste. Para Norma Gomes Rocha, chefe da DIPEQ/PE, além do mau tempo, o tráfico de drogas no local conhecido como “Polígono da Maconha” também prejudicou a coleta, pois os recenseadores só conseguiram chegar aos setores acompanhados de guias locais.

Problema semelhante enfrentaram os municípios de Vitória e Cariacica, no Espírito Santo e o estado do Mato Grosso do Sul. Segundo a chefe da DIPEQ/ES, Jussara Colen Rivieres, o que atrapalhou a coleta foram os traficantes que dificultavam o acesso dos recenseadores. Mesmo assim, ela prevê o final da coleta para dentro do prazo previsto. Já a chefe da DIPEQ/MS, Fátmato Ezzahrá Shabib, a situação era problemática nos municípios que fazem fronteira com o Paraguai onde o tráfico se instalou e não facilitou o trabalho do IBGE.

No Pará, o maior problema é a área rural. Segundo o chefe da DIPEQ/PA, Antonio Maria Naya, “os municípios da área rural tiveram dificuldade pois a coleta demorou, em média, 30 dias”.

O estado também sofreu com a dificuldade de acesso a alguns municípios e com a falta de recenseadores - problema que também afligiu Santa Catarina, Goiás e Minas Gerais. Segundo, Maurício Batista, chefe da DIPEQ/SC, em Blumenau, alguns recenseadores desistiram da função para trabalhar na

Oktoberfest que agitou a cidade desde o dia 5 até 22 de outubro.

Em Goiás, além da carência de pessoal, houve dificuldade de acesso a alguns domicílios, principalmente nos condomínios fechados e/ou prédios e residências localizadas nas áreas nobres da capital, bem como em alguns municípios do interior do estado, devido à precariedade das estradas, especialmente na comunidade Calunga, localizada nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás. Nesses lugares, os recenseadores tiveram que percorrer alguns setores em lombos de burros, além de contar com a ajuda de guias da região.

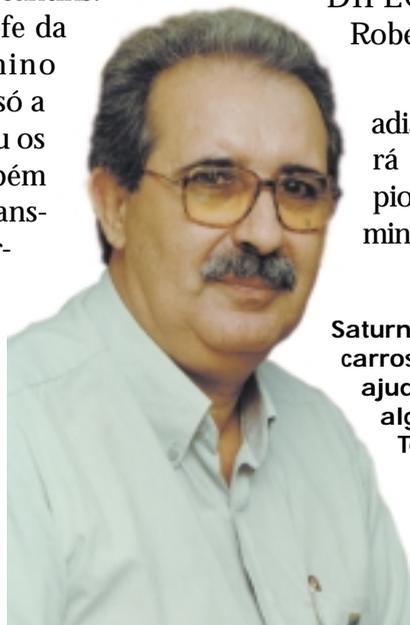
Em Minas Gerais, a defasagem de recenseadores foi grande, o que prejudicou o bom andamento da coleta que só deve terminar no dia 10 de novembro. Além de alguns municípios, como Betim e Uberlândia, terem iniciado o trabalho de campo com atraso.

Poucos recenseadores para fazer as entrevistas também foi um problema enfrentado nos estados de Piauí e Tocantins. E na avaliação do chefe da DIPEQ/TO, Saturnino Cortes Miranda, não só a falta de pessoal atrasou os trabalhos, como também a precariedade de transporte. “Não temos carros de tração suficientes para chegar a certos lugares cujo acesso é muito difícil. E os carros que temos estão quebrados”. A solução foi mandar trazer carros de outros estados.

O recenseamento na área urbana do Maranhão foi de vento em popa, o problema, como na grande maioria dos estados do Norte e Nordeste, foi a área rural, que é sempre mais lenta devido às dificuldades de acesso e locomoção, segundo Pedro James Guedelha, chefe da DIPEQ/MA. André Luis Figueredo da Silva, chefe da DIPEQ de Alagoas, também encontrou problemas de difícil acesso, principalmente na Zona da Mata Norte do estado, o que retardou a coleta em 12 municípios, principalmente nos setores rurais.

E na área nobre de Maceió, Alagoas, entrevistar os moradores também não foi tarefa fácil para os recenseadores, mesmo com o apoio da mídia local. André Luis afirma que “quem mora nos bairros de classes média e alta se recusa a abrir a porta para o recenseador por considerar o ato uma invasão de privacidade”. Mesmo problema foi vivenciado pelos recenseadores do Distrito Federal. “A falta de receptividade dos moradores da Asa Sul e Asa Norte é um problema que tentamos superar”, afirmou o chefe da DIPEQ/DF, Walker Roberto Moura.

Com a coleta adiantada, no Ceará muitos municípios já haviam terminado os trabalhos.



Saturnino solicitou carros de tração para ajudar na coleta em alguns pontos de Tocantins e como não conseguiu, usou cavalos como transporte.



Para Norma, as chuvas e o tráfico de drogas dificultaram a coleta em Pernambuco.

O mesmo aconteceu no estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Sergipe e Paraná. De olho nos gráficos e tabelas que ilustram o andamento da coleta nos estados, Nuno e Maria Wilma propuseram ações, sugerindo que as mesmas fossem tomadas em caráter de urgência para não prejudicar o fluxo dos trabalhos.

Nuno lembrou que o encerramento desta fase deveria estar computado no SIGC e que “os chefes devem avaliar a evolução da coleta em nível de município, evitando esticar contratos até novembro e não esquecendo que devem ter funcionários para fazer últimas checagens, bem como analisar as possíveis omissões. É possível que após o encerramento dos trabalhos apareçam pessoas dizendo que não foram recenseadas”.

Vale ressaltar que para evitar os possíveis casos de pessoas não pesquisadas pelo Censo 2000, foi sugerido que o IBGE, além de comunicar oficialmente o término da coleta, solicitasse

àqueles que, porventura, não foram entrevistados, que entrassem em contato com o instituto para registrar a omissão e a mesma ser corrigida.

Projeto “Vamos Contar!”

Informações sobre o projeto “Vamos Contar! - O Censo 2000 nas escolas”, como previsão de recebimento do material, onde encontrar mais dados sobre o assunto e sugestão de lançamento nos municípios, foram esclarecidas pelo superintendente do Centro de Documentação e Disseminação do IBGE, David Wu Tai, aos chefes de DIPEQs e DEREs presentes na Reunião.

Com explicações detalhadas na página do Censo 2000 no *site* do IBGE na internet, o projeto “Vamos Contar!” está sendo implantado em todas as escolas públicas de ensino médio e fun-

damental do país. Guias do professor, mapas e cartazes de divulgação fazem parte do material que já foi enviado às escolas. Além disso, todas as unidades do IBGE no país receberam um vídeo instrucional do projeto que pode ser emprestado às escolas interessadas, bem como copiado, caso haja interesse em repassá-lo aos professores.

Quanto ao lançamento do projeto, David se colocou à disposição das DIPEQs caso estejam interessadas em realizar cerimônia nos seus estados, além de sugerir que o mesmo ocorra em uma escola pública a ser previamente escolhida.



David informou sobre o projeto Vamos Contar!.



Contrastes da cidade mais populosa do Brasil



São Paulo chega ao ano 2000 com uma população estimada em 10 milhões de habitantes. Sua população cresce menos a cada ano. A taxa de 1,16%, observada em 1991, caiu para 0,4%, em 1996. A cidade, dividida em 96 distritos, apresenta fortes desigualdades de rendimento, escolaridade, acesso a serviços, condições de vida. Luxo e sofisticação convivem, lado a lado, com a pobreza.

Em 1996, o distrito de maior população era o Grajaú, com 272.684 habitantes. Para este distrito, a renda média mensal do chefe de domicílio, registrada no Censo de 1991, foi de 3,7 salários mínimos, bem abaixo da média observada para o município de São Paulo, 7,2 salários mínimos.

Marsilac, no extremo sul do município, é o distrito de maior área (200 Km²) e menor população: 7.416 habitantes

em 1996 - todos residindo na área rural. O distrito de Morumbi apresentou, também no Censo de 1991, o maior rendimento médio dos chefes de domicílios: 28,8 salários mínimos. Considerando apenas os domicílios cujos chefes tinham rendimento superior a 20 salários mínimos - 39% do total dos domicílios - o rendimento médio passou para 57,4 salários. No Jardim Helena, distrito localizado na região Nordeste do município, o rendimento médio era apenas 2,8 salários mínimos - o menor resultado observado.

Não é preciso ir muito longe para ver os grandes contrastes da cidade de São Paulo. Na verdade, basta olhar em qualquer direção. Como num passeio de carro pela cidade em setembro deste ano. Percorri os distritos do Morumbi, Vila Andrade, Vila Sônia e Paralelos com Fabiana Cristina

Prado Oliveira funcionária contratada para trabalhar no Censo 2000, que anotou as ruas por onde passamos e os lugares que fotografamos.

Na divisa do Morumbi com a Vila Andrade, está a favela Paraisópolis - a segunda maior de São Paulo - perdendo somente para a de Heliópolis, em número de habitantes. Segundo a Contagem da População de 1996, em Paraisópolis moravam 15.226 pessoas - 28% do total da população do distrito. Os vizinhos da favela são edifícios luxuosos, alguns com uma piscina por andar e um deles com heliporto - todos situados na Avenida Giovanni Gronchi.

A Vila Sônia fica do outro lado desta avenida. Atrás dos prédios, estão as casas mais simples. Seguindo uma de suas travessas, é possível encontrar, logo ali, lixo e água correndo pela rua.

Indo na direção de Parelheiros, a paisagem vai se modificando. Os prédios são menores e sem luxo algum. Saindo da avenida principal, as ruas não tem calçamento. Nas proximidades, um cavalo descansa ao lado da carroça. Vendo o carro do IBGE, uma moradora indaga quando o Censo vai passar por lá. Dissemos que até outubro, todos serão visitados.

Ainda em Parelheiros, do outro lado da Avenida Senador Teotônio Vilela, seguindo pela Estrada do Itaim, a impressão é a de que a cidade termina.

Olhando em direção ao horizonte, tudo é verde. A paisagem é quase rural. Algumas casas possuem terrenos amplos, com pomar e até espaço reservado para criação de galinhas.

Dos quatro distritos percorridos, Vila Andrade e Parelheiros apresentaram crescimento de população, entre 1991 e 1996, de: 27,2% e 48,5%, respectivamente. Em contrapartida, a população do Morumbi decresceu 3,7% e a de Vila Sônia, 4,5%, no mesmo período. Afinal, por que a população cresce em algumas áreas e diminui em outras? O que significa tal movimento, já que a cidade como um todo tem crescido menos?

Observando a quantidade de pessoas que não residiam no município de São Paulo em 1991, para os mesmos distritos, Vila Andrade apresentou o maior percentual, 13,7%. Das pessoas que chegaram ao distrito, 26,9% vieram de outros municípios de São Paulo e 68,8%, de outros estados. Dos 11,5% que passaram a residir no Morumbi, 52,4% vieram de outro estado, 39,7% de outro município de São Paulo e 7,8% de países estrangeiros.

O distrito de Parelheiros registrou a menor taxa de migração, apenas 4,7%. Destes, 94,9% vieram de outro estado: 27,4% da Bahia; 13,6% de Pernambuco e 13,5% de Minas Gerais.

São considerados domicílios adequados os que pos-

suem abastecimento de água com canalização interna, esgotamento sanitário exclusivo do domicílio, ligado à rede geral ou fossa séptica e lixo coletado. Comparando os quatro distritos visitados, Parelheiros apresentou os menores índices de adequação em 1991: abastecimento de água (88,5%), esgotamento sanitário (56,5) e lixo coletado (75,4%).

Outro fator de diferenciação é a escolaridade dos chefes de domicílios. Em 1996, 54,6% dos chefes de domicílios do Morumbi tinham escolaridade superior (15 anos ou mais), enquanto, em Parelheiros, apenas 0,7% estavam nesta condição. Aqueles sem instrução e com menos de 1 ano de estudo representaram 4,6% dos chefes do Morumbi e 12,5% dos de Parelheiros.

Desta forma, vai se definindo a geografia da desigualdade. A ocupação do espaço é excludente, afastando para a periferia a população mais carente. A população cresce onde os terrenos são mais baratos e as condições de adequação dos domicílios ainda deixam muito a desejar.

Assim é São Paulo, com trânsito intenso, ar poluído e desigualdades mis, onde quase tudo é possível, até mesmo tirar fruta do pé como colher amoras na pracinha perto de casa.

**Fanny Elisabete Moore -
DIPEQ - São Paulo**

Atlas Nacional do Brasil



- O Brasil e a geopolítica mundial
- Configuração política do espaço brasileiro
- Geografia ambiental do Brasil
- Desmatamento e alterações do balanço hídrico da Bacia Amazônica
- Dinâmica da população brasileira
- Mudanças no espaço econômico
- Reestruturação do espaço agrário
- Questão urbana
- Perfil da saúde e da educação
- Logística do espaço brasileiro: as redes geográficas

0800-218181
<http://www.ibge.gov.br>
<http://www.ibge.net>

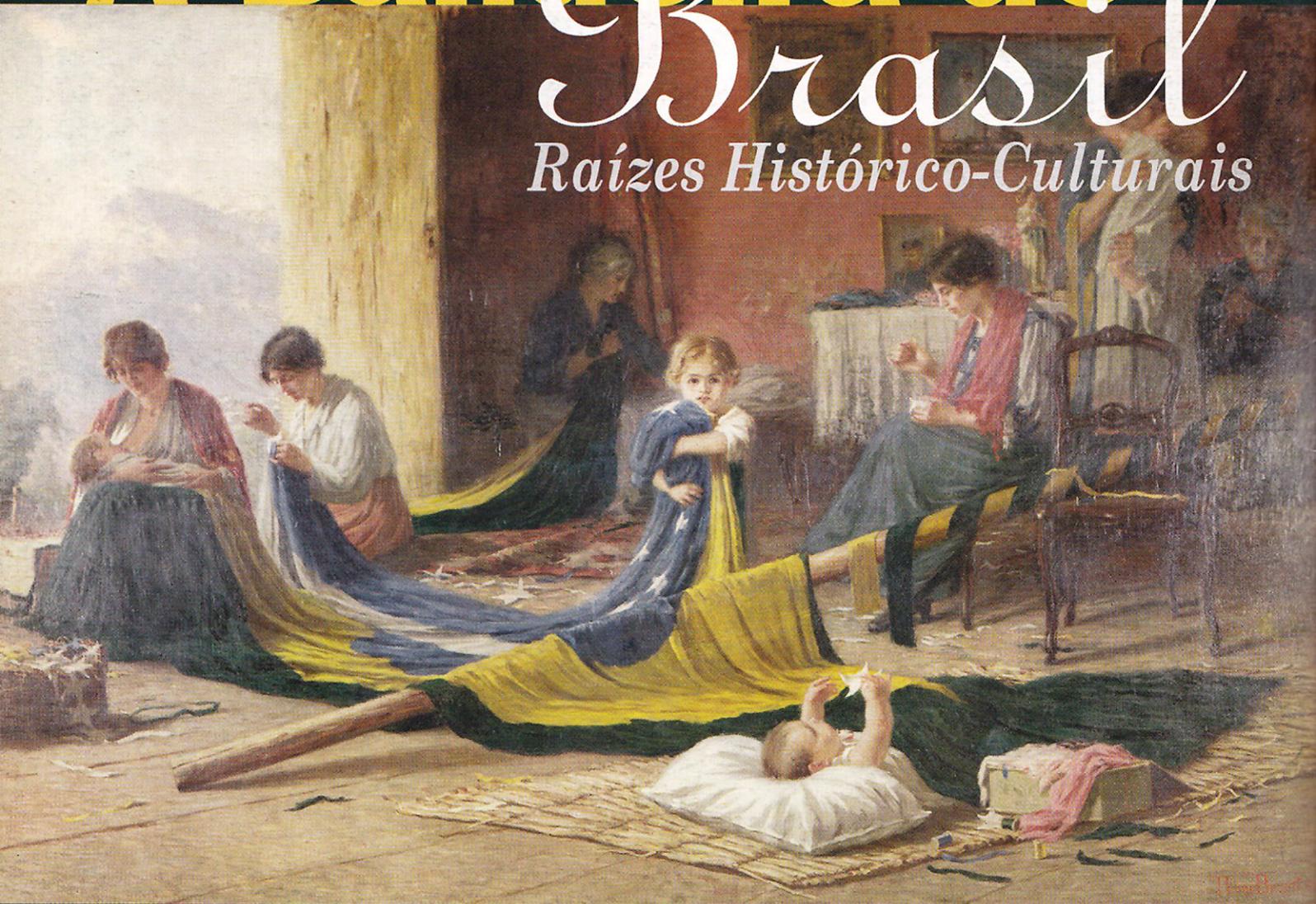
IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO,
ORÇAMENTO E GESTÃO**

**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil

A Bandeira do Brasil

Raízes Histórico-Culturais



Em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil, o IBGE está reeditando a obra "*A Bandeira do Brasil: raízes histórico-culturais*", de Raimundo Olavo Coimbra.

Conheça as origens e a evolução das bandeiras do Brasil, desde o descobrimento até os dias de hoje.

3ª edição: revista, atualizada e ampliada.
Com ilustrações, comentários e notas explicativas.

0800 - 218181

www.ibge.gov.br

www.ibge.net

IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO,
ORÇAMENTO E GESTÃO

GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil